

Daylin Cecília Rodriguez Javiqué

**A Migração Internacional e o
Comportamento Reprodutivo das Mulheres
Cubanas: As Singularidades da Transição
Demográfica em Cuba e seu Impacto na
Fecundidade das Migrantes.**

Belo Horizonte, MG
UFMG/Cedeplar
2011

Daylin Cecília Rodriguez Javiqué

A Migração Internacional e o Comportamento Reprodutivo das Mulheres Cubanas: As Singularidades da Transição Demográfica em Cuba e seu Impacto na Fecundidade das Migrantes

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Demografia.

Orientador: Prof. Dimitri Fazito

Co-orientador: Prof^a. Laura R. Wong

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2011

Folha de Aprovação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 UM MARCO TEÓRICO PARA ESTUDAR A RELAÇÃO ENTRE FECUNDIDADE E MIGRAÇÃO. O CASO DAS MIGRANTES CUBANAS NOS ESTADOS UNIDOS.	8
2.1 Primeira e Segunda Transição Demográfica e as Migrações Internacionais	8
2.2 Fatores da Migração: seletividade, assimilação e ruptura.	12
3 O CONTEXTO DA FECUNDIDADE E DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL EM CUBA	17
3.1 O contexto econômico da fecundidade cubana	21
3.2 Sobre os indicadores de Segunda Transição em Cuba.....	26
3.3 Contextualizando o processo migratório	28
4 METODOLOGIA.....	33
4.1 Fonte e amostra	36
5 RESULTADOS	37
5.1 A comunidade cubana nos Estados Unidos, 2005-2009	38
5.2 A fecundidade das cubanas nos Estados Unidos, quinquênio 2005-2009.	40
5.2.1 Uma visão de conjunto da fecundidade nos Estados Unidos	40
5.2.2 Lugar de residência: Flórida e outros Estados	43
5.2.3 Fecundidade de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos segundo anos de residência nesse país	47
5.2.4 Fecundidade de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos segundo idioma.....	51
5.2.5 Fecundidade de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos segundo momento no ciclo de vida ao entrar ao país	54
5.3 As idades médias como uma alternativa de análise resumo da estrutura da fecundidade.....	56
6 Considerações finais	58
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

8 ANEXOS	70
Anexo 1. Amostra de pessoas entrevistadas em cada categoria usada.	70

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1. Taxas de Fecundidade Total de imigrantes nos Estados Unidos e nos países de origem. Países selecionados, 2002.	19
TABELA 2. Taxa Total de Fecundidade e Expectativa de Vida ao Nascer. Cuba, regiões e países selecionados, 2005-2010.	21
FIGURA 1. Produto Interno Bruto per capita e Taxas de Fecundidade Total. Cuba, 1980-2008.	25
FIGURA 2. Taxa Líquida de Migração Externa. Cuba, anos selecionados.	32
QUADRO 1. Indicadores da distribuição por idade das Taxas Específicas de Fecundidade utilizando o modelo relacional de Gompertz (Brass, 1981)	35
TABELA 3. Composição por sexo e idade (porcentagem) da população cubana residente nos Estados Unidos, 2005-2009.	39
TABELA 4. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β nos Estados Unidos (para nativas, estrangeiras e cubanas) e em Cuba, 2005-2009.	40
FIGURA 3. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de estrangeiras, nativas e cubanas nos Estados Unidos e de cubanas residentes em Cuba, 2005-2009.	41
TABELA 5. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos, segundo lugar de residência, 2005-2009.	44
FIGURA 4. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de estrangeiras, nativas e cubanas na Flórida, 2005-2009.	45
FIGURA 5. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de estrangeiras, nativas e cubanas residentes em outros Estados, 2005-2009.	45
FIGURA 6. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de cubanas na Flórida, em outros Estados nos Estados Unidos e de cubanas residentes em Cuba, 2005-2009.	46
TABELA 6. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas residentes	

na Flórida e no resto do país segundo anos de residência nos Estados Unidos, 2005-2009.....47

TABELA 7. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e no resto do país segundo anos de residência nos Estados Unidos, 2005-2009.....49

TABELA 8. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas e estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e no resto do país segundo idioma. Estados Unidos, 2005-2009.52

TABELA 9. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas e estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e no resto do país segundo momento no ciclo de vida ao entrar nos Estados Unidos, 2005-2009.55

TABELA 10. Idade média da população feminina entre 15-49 anos, idade média das mães e idade média da fecundidade. Nativas, estrangeiras e cubanas na Flórida e em outros Estados, e cubanas em Cuba. 2005-2007.57

RESUMO

Este trabalho estuda a fecundidade das cubanas residentes nos Estados Unidos no quinquênio 2005-2009, considerando nível e estrutura da fecundidade corrente. Essa variável é comparada com as nativas dos Estados Unidos, com as estrangeiras não cubanas nesse país e com as cubanas residentes em Cuba. A análise é feita, em primeiro lugar, classificando a população segundo residência ou não na Flórida, considerando que esse Estado possui a maior concentração de cubanos nesse país, elemento que poderia ser, ao mesmo tempo, indicativo de certa identidade/assimilação cultural.

Considerando as teorias que explicam o comportamento reprodutivo das migrantes, nesse trabalho foram considerados três variáveis que poderiam explicar a fecundidade das cubanas após migrar para os Estados Unidos: tempo de residência, adaptação ao meio via a língua falada e fase no ciclo de vida ao entrar ao país. Foi usada como fonte American Community Survey entre 2005 e 2009 (EUA).

Os resultados obtidos indicam que a fecundidade das mulheres cubanas nos Estados Unidos é maior em termos de nível, e mais envelhecida em termos de estrutura que a fecundidade das mulheres em Cuba. É também mais semelhante à fecundidade das nativas no destino em comparação às demais estrangeiras. Da mesma forma o lugar de residência das cubanas dentro dos Estados Unidos (Flórida ou outros Estados) parece estar impactando no nível, mas não na estrutura da fecundidade.

De acordo com a atitude e expectativas sobre migração e maternidade em Cuba, há indicativos de que a estratégia reprodutiva das mulheres que emigram para Estados Unidos é adiar a fecundidade, o que poderia ser um efeito de período sem alterar significativamente o quantum da fecundidade, elemento que poderia ser estudado em futuros trabalhos.

Palavras-chave: Transição Demográfica, migração internacional, fecundidade.

ABSTRACT

This study examines the fertility of Cuban residents in the United States from 2005 to 2009 in regards to the level and structure of current fertility. This fertility is compared to that of American women, foreign women, and women living in Cuba. This indicator is assessed by sorting the population according to whether or not they reside in Florida, as that State has the largest concentration of Cubans in the United States while identifying certain identity and cultural assimilation.

Three variables were measured when considering theories that would explain the reproductive behaviour and fertility of Cuban women after migrating to the United States: time spent as residents, adaptation to the environment via the spoken language, and the stage of their life cycle during which they entered the country. The American Community Survey (U.S.) was used as a primary source.

The results indicate that the fertility rate of Cuban women in the United States is the largest in terms of level and less intense in ages young and old in terms of structure compared to the fertility of women in Cuba. The fertility rate of Cuban women is also closer to that of American women than to that of other foreign women. Similarly, Cuban residents in the United States (Florida or other states) seem to be impacting on the level but not in the structure of fertility.

According to the attitudes and expectations about motherhood and migration in Cuba, there are indications that the reproductive strategy of the women who immigrate to the United States are delaying fertility, which could be an effect of time without significantly altering the quantum of fertility, element that could be studied in futures works.

Keywords: Demographic Transition, International Migration, Fertility.

1 INTRODUÇÃO

Algumas décadas atrás a queda nos níveis de mortalidade e fecundidade era um fenômeno demográfico privativo de regiões de primeiro mundo. Esta tendência já não é tão evidente na realidade demográfica atual; baixas taxas de fecundidade e mortalidade têm ocorrido em quase todos os países do mundo. O primeiro elemento que deve ser considerado neste trabalho é esse contexto demográfico mundial e suas singularidades em cada região do planeta.

A Teoria da Transição Demográfica tem sido o marco teórico que explica essas mudanças de altos para baixos níveis de mortalidade e fecundidade (Davis, 1945). Independente da velocidade do processo, após várias décadas e conjuntamente com o avanço socioeconômico as regiões que experimentam esse fenômeno tendem a atingir uma estabilidade em níveis baixos de mortalidade e fecundidade, esta última com valores muito próximos ou abaixo do nível de reposição.

Nesse contexto de relativa estabilidade surgem comportamentos demográficos, principalmente na formação de famílias, diferentes aos tradicionais. Esse novo comportamento tem sido chamado de Segunda Transição Demográfica (van de Kaa, 2002). Este processo foi identificado inicialmente nos países europeus com um alto grau de desenvolvimento e as mudanças nos comportamentos na população com a intenção de formular uma teoria, foram descritas com base nessas regiões.

A postergação do matrimônio, o adiamento do primeiro filho, o aumento nas uniões consensuais, a prevalência de atitudes individualistas em detrimento das redes sociais, o aumento dos nascimentos fora do matrimônio, o aumento das separações e mudanças nas estruturas familiares são alguns dos comportamentos analisados como característicos desta segunda transição (CELADE, 2004).

Cuba é um país em desenvolvimento, com índices de mortalidade e fecundidade comparáveis aos países europeus, mas com taxas de saldo migratório com tendência

contrária àqueles países. Cuba apresentou uma mortalidade infantil de 4,8 por cada mil nascidos vivos para o ano 2008 e uma esperança de vida ao nascer de 77,97 no período 2005-2007.

Da mesma forma, a taxa total de fecundidade, no ano 2008 era de 1,59 (abaixo do nível de reposição desde 1978), mas, ao contrário dos países desenvolvidos que apresentam índices parecidos nas variáveis anteriores (mortalidade e fecundidade), sustenta uma taxa líquida de migração negativa há várias décadas. Com esses valores não seria surpreendente então que Cuba já apresentasse crescimento negativo desde o ano 2006 (-0,4 para 2006; -0,2 para 2007 e -0,1 para 2008). Com esses indicadores poder-se-ia dizer que o país terminou a Primeira Transição desde finais da década dos anos 80s (Rodríguez, 2006).

O interesse do presente trabalho é estudar o caso de Cuba considerando que o contexto demográfico desse país tem sido classificado como um exemplo singular de segunda transição (Alfonso, 2008). As evidências indicam a que efetivamente Cuba está experimentando um processo de segunda transição, mas o caminho tem sido diferente àquele traçado pelos países desenvolvidos, não sendo poucas as singularidades nesse processo.

As principais peculiaridades estão relacionadas com: uma fecundidade adolescente ainda elevada mesmo com acesso universal e gratuito à saúde pública e facilidade de uso de métodos anticoncepcionais e aborto liberado; sentimentos de solidão na ausência de redes familiares; estratégias de realização pessoal, mas sem um contexto econômico favorável para sua satisfação; autonomia feminina em termos de suporte social, mas não culturalmente; manifestações de realização pos-materialistas num contexto de escassez econômica; e taxas de migração internacional negativas desde 1930 (Alfonso, 2008).

O trabalho de Alfonso (2008) tinha como objetivo principal analisar o processo de formação de família em Cuba à luz de um contexto de segunda transição nesse país. Mesmo não sendo um tema explicitamente abordado no trabalho de Alfonso (2008), surge no discurso das mulheres cubanas um elemento importante: o adiamento da fecundidade motivado por possíveis planos futuros de migrar. Este é um elemento central e importante na análise da dinâmica populacional cubana sendo que, no mesmo marco teórico da segunda transição, a variável migração internacional é tratada de

forma diferente e o possível impacto na dinâmica demográfica tem sido analisado desde outro ponto de vista.

Até o surgimento dessa Segunda Transição, a migração (como terceira variável básica na demografia junto à mortalidade e à fecundidade) não tinha ganhado a atenção direta dos teóricos. Com crescimento natural (conseqüência da mortalidade e fecundidade) quase ou igual a zero, por se manter níveis muito baixos e estáveis nesses indicadores, seria a migração a “válvula de escape” que poderia determinar as possíveis mudanças na dinâmica populacional (van de Kaa, 2002).

Sendo assim, a migração na teoria da segunda transição é pensada como “válvula de escape” para sociedades com baixa fecundidade que recebem migrantes de sociedades com fecundidade ainda alta. Considerando que Cuba, sendo um país em desenvolvimento, com indicadores demográficos de país desenvolvido, apresenta uma tendência contrária na migração internacional, os efeitos desse comportamento poderiam ser importantes se pensamos que, a emigração internacional pode acelerar o declínio populacional no país e impactar no comportamento reprodutivo das mulheres cubanas.

Por outro lado o primeiro destino dos cubanos que saem do país são os Estados Unidos, que atrai o 80% dos cubanos q saem do país, seguido por Espanha com apenas um 6% (CEDEM, 2009). Unido a isto, existe uma história com diferentes matizes econômicos, políticos e sociais que atravessam esse fluxo migratório entre Cuba e Estados Unidos que inclui facilidades tanto na saída do primeiro para o segundo quanto para a inserção no destino, principalmente após a Revolução Cubana no ano 1959.

Sintetizando todos os elementos anteriormente expostos, existem alguns indicadores que foram os principais motivadores para chegar ao objeto de estudo do presente trabalho:

1. Cuba surge como país com características de segunda transição, mas com algumas singularidades que seria importante trazer para a análise.
 - Existem sentimentos de solidão em ausência de redes sociais familiares.

- Igualdade de gênero no nível institucional, mas ainda não arraigados culturalmente.
- Condições econômicas pouco favoráveis para satisfazer necessidades de realização pessoal.
- Fecundidade e mortalidade muito baixas comparáveis a países desenvolvidos, mas com taxas de saldo migratório negativo.
- Evidências de um adiamento da fecundidade como consequência de um projeto futuro de migração internacional.

2. Estados Unidos como principal receptor de cubanos no exterior, com 80% dos cubanos residentes fora de Cuba no ano 2007.

- Mais de 75% desses cubanos residentes nos Estados Unidos mora na Flórida (ACS, 2009).

Com esses elementos surge a pergunta principal do trabalho. Seguindo os fatos considerados e o raciocínio até aqui exposto a incógnita seria: *Quais são o nível e a estrutura da fecundidade das mulheres cubanas migrantes residentes nos Estados Unidos no quinquênio 2005-2009?* Assim também aparece a hipótese principal: *A fecundidade das mulheres cubanas migrantes residentes nos Estados Unidos deve ser maior que a fecundidade das cubanas e residentes em Cuba.* Mudança de sociedades implica a mudança de comportamentos e estratégias reprodutivas disponíveis. Portanto, espera-se que as mulheres cubanas que realizam seu projeto migratório tenham diferentes expectativas e tomem novas decisões quanto à fecundidade.

Para responder essa pergunta e confirmar ou não a hipótese de trabalho, o objetivo geral vai guiar a investigação sobre a linha de *Descrever o nível e a estrutura da fecundidade das mulheres cubanas migrantes residentes nos Estados Unidos no quinquênio 2005-2009.*

Considerando a literatura sobre o tema e o contexto cubano atual o interesse desse trabalho está focado em analisar em primeiro lugar, se o comportamento reprodutivo

das migrantes cubanas se adapta ao comportamento reprodutivo das nativas¹ no destino e em segundo lugar se o padrão e o nível de fecundidade das cubanas migrantes são diferentes dos das cubanas não migrantes.

Na literatura tem sido documentado que existe uma estreita relação entre comportamento reprodutivo das migrantes e as condições de socialização e assimilação da cultura no destino. Esse comportamento pode ser determinado, entre outras coisas, pelo grau de inserção na sociedade receptora, essa inserção está sendo de alguma forma facilitada tanto na seletividade na hora de sair de Cuba para os Estados Unidos quanto na chegada nesse último país, pois só o fato de ser cubano já brinda certos privilégios nos Estados Unidos. Dessa forma, essas facilidades na inserção podem estar impactando no comportamento reprodutivo das cubanas migrantes (Kahn, 1988; 1996).

Para analisar esse comportamento das cubanas nos Estados Unidos o presente trabalho pretende por um lado descrever o nível e a estrutura da fecundidade corrente das cubanas migrantes residentes nos Estados Unidos no quinquênio 2005-2009 e por outro comparar as estratégias reprodutivas das mulheres cubanas residentes em Cuba e nos EUA para, para assim avaliar se existe associação entre a transição demográfica cubana, a mudança do contexto sócio-econômico e cultural, e ditas estratégias.

Para responder essas questões e considerando a revisão da literatura e o contexto cubano, as relações migratórias com Estados Unidos, este trabalho vai descrever o comportamento de alguns diferenciais que poderiam indicar se varia ou não o comportamento reprodutivo segundo o grau de inserção no lugar de destino:

Para tanto, definem-se também objetivos específicos:

1. Caracterizar a fecundidade das mulheres cubanas migrantes nos Estados Unidos, das nativas e das estrangeiras em geral nesse país no quinquênio 2005-2009 e das cubanas residentes em Cuba.
2. Comparar a fecundidade das cubanas residentes na Florida com a fecundidade das cubanas no resto do país considerando as seguintes variáveis:

¹ Nativa é identificada com a população nascida nos Estados Unidos.

- a. Anos de residência nos Estados Unidos, como variável indicativa de tempo transcorrido para se adaptar à sociedade receptora.
 - b. Idioma, como variável indicativa de grau de adaptação à sociedade receptora, considerando que isto vai ter um impacto na comunicação e, por conseguinte na inserção no destino.
 - c. Momento no ciclo de vida ao migrar (antes ou depois de entrar no período reprodutivo), para avaliar a predisposição a se adaptar à sociedade de destino.
3. Comparar a fecundidade das cubanas nos Estados Unidos com a fecundidade das outras estrangeiras nesse país tendo em consideração as mesmas variáveis mencionadas no objetivo dois.

De forma geral, se constatou que as cubanas migrantes nos estados Unidos (CM)² apresentam uma fecundidade maior em termos de nível e mais velha em termos de estrutura que as CC. Por outro lado esse comportamento reprodutivo das CM é mais próximo ao comportamento reprodutivo das nativas nesse país do que ao resto EM. Assim também a fecundidade das CM na Flórida é mais baixa que a fecundidade das residentes no resto do país, e o comportamento nesse Estado é mais próximo ao comportamento das CC. No entanto o lugar de residência não influi na estrutura da fecundidade das migrantes residentes nos Estados Unidos

Dessa forma este trabalho discute um assunto pouco abordado na literatura: a fecundidade das mulheres cubanas migrantes. Com este estudo então podem ser abertas várias questões que, diante da disponibilidade de mais dados demográficos, será possível lançar luz a respeito da tendência do comportamento reprodutivo das cubanas tanto nos Estados Unidos quanto no resto dos países que recebem cubanos para trabalhos futuros.

² A partir daqui, as cubanas não migrantes residentes em Cuba serão chamadas de CC, as migrantes cubanas residentes nos Estados Unidos de CM e as estrangeiras de outras nacionalidades nos Estados Unidos de EM.

Finalmente avaliamos que a importância principal deste trabalho descansa em dois pilares: por um lado a possibilidade de contribuir com evidências que ajudem a consolidar as teorias sobre migração e fecundidade, principalmente num contexto demográfico tão mutante como o atual, em que países em desenvolvimento estão envelhecendo rapidamente e com tendência de aumento da emigração internacional.

Por outro lado, tratar de entender o que sucede com a fecundidade das mulheres que saem de Cuba, obedece à necessidade de produzir conhecimento que permita subsídios para o planejamento de políticas de interesse público em Cuba. O intuito corresponde à atual problemática populacional de Cuba caracterizada principalmente por: envelhecimento devido a uma baixa fecundidade e taxas negativas de saldo migratório há várias décadas, fecundidade relativamente alta em idades mais jovens e taxas negativas de crescimento populacional, possível adiamento da fecundidade como consequência de planos futuros de migração internacional.

2 UM MARCO TEÓRICO PARA ESTUDAR A RELAÇÃO ENTRE FECUNDIDADE E MIGRAÇÃO. O CASO DAS MIGRANTES CUBANAS NOS ESTADOS UNIDOS.

Para entender o contexto demográfico de qualquer sociedade é preciso conhecer a evolução e tendência dos indicadores populacionais no mundo e considerar as principais teorias que têm tentado explicar seu comportamento. Neste capítulo será analisada a Teoria da Transição Demográfica e a recente extensão dessa abordagem para explicar o comportamento das sociedades contemporâneas que já passaram por todas as fases descritas na teoria da transição clássica e que tem sido chamada de Segunda Transição Demográfica. Paralelamente será descrita, brevemente, a análise feita por essas teorias das principais variáveis demográficas em função das tendências desses indicadores no mundo.

Sendo que o foco deste trabalho é o comportamento reprodutivo de migrantes, será feita uma revisão das teorias e hipóteses que têm abordado a fecundidade de migrantes no mundo.

2.1 Primeira e Segunda Transição Demográfica e as Migrações Internacionais

O interesse pelos temas relacionados à população tem levado aos cientistas a estudar as principais variáveis que afetam a dinâmica populacional e a procurar explicações para esses fenômenos. A teoria, por excelência, sobre fenômenos demográficos nas últimas décadas tem sido a Teoria da Transição Demográfica. Desenvolvida em Europa na primeira metade do século XIX, ela descreve e tenta explicar o passo de altos a baixos níveis de mortalidade e fecundidade.

Nas formulações clássicas (Laundry, 1909, 1934; Notestein, 1945; Blaker 1974)³ os autores dividem o processo de transição em etapas, dentro das quais cada população vai se enquadrar. No início da formulação desta teoria os autores sustentavam que o crescimento populacional seria determinado por dois únicos fatores: fecundidade e a

³ Tomado da revisão feita por Alfonso, 2008.

mortalidade. A primeira tentativa para explicar o crescimento demográfico é começar analisar a responsabilidade relativa de cada uma dessas variáveis (Davis, 1945). Provavelmente por esta razão, a maior parte das análises é feita considerando, apenas, mudanças nos níveis da fecundidade e da mortalidade e os elementos que influenciam nessas transformações.

Nesta proposta, a migração não teve um tratamento tão detalhado como as outras duas variáveis (fecundidade e mortalidade). No entanto existem algumas aproximações que incluem a migração nas explicações (Davis, 1945; Zelinsky, 1971). Embora estes trabalhos tenham consideração a variável, o fenômeno ainda ficou longe de ser analisado em profundidade. Uma das críticas mais radicais e universais sobre as limitações da transição demográfica está associada precisamente à ausência da variável migração nesta tentativa de generalização⁴

Após a diminuição nos níveis de fecundidade e mortalidade ter atingido um novo equilíbrio demográfico, agora com índices de fecundidade muito próximos ao nível de reposição, criou-se a necessidade de novos paradigmas. É o caso, por exemplo, da nova teoria chamada Segunda Transição Demográfica para explicar comportamentos por-transicionais nos países industrializados com níveis de fecundidade e mortalidade já estabilizados em contextos de “lowest-low fertility” (van de Kaa, 2002; Lesthaeghe e Surkin, 2004).

Estas transformações foram experimentadas na Europa nos anos 1960s e analisadas como consequência da secularização e individuação da população. Secularização entendida como perda de valores religiosos que controlam o comportamento ou abandono de crenças e sentimentos religiosos. Por outro lado a individuação no sentido de auto-realização, autonomia individual e liberdade de escolha (Lesthaegher e Neidert, 2006). A primeira transição estava baseada no conceito de modernidade; a segunda já surge sobre a base da pós-modernidade (Alfonso, 2008).

Esta teoria surge principalmente para explicar mudanças nos padrões de comportamento no ocidente após a segunda guerra mundial. O próprio van de Kaa, nas primeiras formulações, foca nas mudanças, as normas e comportamentos nas sociedades que experimentam o processo. A postergação do matrimônio, o adiamento do primeiro filho, o aumento nas uniões consensuais, o aumento dos nascimentos fora do matrimônio, o

⁴ Tomado de uma revisão feita por Alfonso (2008).

aumento das separações e mudanças nas estruturas familiares são alguns dos comportamentos analisados como característicos desta segunda transição (CELADE, 2004).

Enquanto a teoria da transição clássica foca no comportamento da fecundidade e a mortalidade, essa segunda proposta coloca a migração num lugar importante nas formulações. Independentemente das avaliações feitas, o fato é que as duas primeiras variáveis têm mantido valores muito baixos durante muito tempo, portanto, com crescimento natural quase nulo ou negativo nas últimas décadas. É a migração que vai determinar a dinâmica demográfica em algumas populações (van de Kaa, 2002).

Como a primeira, a segunda transição foi baseada em experiências de países europeus, portanto a migração internacional é pensada como “válvula de escape” tendo em consideração que os saldos migratórios são positivos nas populações que experimentam esta chamada segunda transição. Para o ano 2006, 75% dos migrantes no mundo residiam em apenas 28 países; os migrantes internacionais se concentram em um grupo reduzido de países: um de cada quatro migrantes vive em América do Norte e um de cada três na Europa (UNFPA, 2006). Estaríamos então sob o pressuposto de que países em segunda transição podem contar com os fluxos de imigração como uma possível solução para resolver alguns dos seus problemas, causados principalmente pelo envelhecimento populacional típico das últimas etapas da primeira transição demográfica.

Além do contexto teórico que demanda inserir a variável migração no debate, as estatísticas de movimentos internacionais estão mostrando um rápido crescimento do fluxo migratório. Segundo as Nações Unidas, o número de migrantes no mundo aumentou de 75 milhões em 1965 para mais de 175 milhões em 2000 e alcançou a cifra estimada de 192 milhões em 2005⁵.

Na atualidade a quantidade de pessoas que mora fora do seu país natal é maior que em qualquer outro momento na história da humanidade. Países em desenvolvimento estão experimentando uma queda na taxa de imigração enquanto nos países industrializados (exceto a União Soviética) esta taxa continua em aumento: das 36 milhões de pessoas que migraram no período 1990-2005, 33 milhões terminaram ficando em países desenvolvidos (UNFPA, 2006).

⁵ Tomado de “Migraciones Internacionales”. Antonio Aja e Cristina Lopez-Calleja, 2009. Em “Cuba: Población y Desarrollo”, Centro de Estudios Demográficos, Universidad de La Habana, 2009.

Unido a isso, as mulheres têm ocupado um lugar importante nos movimentos internacionais. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (2006), nos últimos 40 anos a quantidade de mulheres migrantes é quase igual à quantidade de homens. Para o ano 2005 a quantidade de mulheres migrantes era ligeiramente superior à quantidade de homens migrantes em todas as regiões exceto África e Ásia. Na América do Norte a migração feminina tem sido predominante desde 1930, tendência mantida até hoje.

Com esses elementos vários outros são colocados na discussão: além da marcada feminização, tanto o tipo de movimento quanto a motivação nesse grupo populacional estão mudando; a migração laboral está ganhando importância, e existe um grande grupo de mulheres em idade produtiva e reprodutiva protagonizando os movimentos internacionais atuais. Desta forma, o efeito indireto da migração internacional, entendido como efeito da fecundidade das migrantes, no crescimento populacional vai se tornar um tema obrigatório nas discussões sobre o assunto.

Uma evidência empírica de como a migração pode estar influenciando na reposição é trazida por Lesthaeghe e Neidert (2006). Após uma análise de diferentes variáveis que indicam características de segunda transição demográfica nos Estados Unidos, os autores afirmam que esse país é bem heterogênea respeito do padrão de formação de família.

Uma grande proporção da população branca não hispânica mostra características típicas de segunda transição, enquanto a maioria ainda possui poucos indícios desse novo fenômeno demográfico (Leathage & Neidert, 2006). Segundo esses mesmos autores, nesse país, indicadores de segunda transição estão mais correlacionados com elementos tais como o estado de bem-estar, renda familiar acima da média nos Estados Unidos, alto grau de urbanização e grande parte da população morando em áreas metropolitanas, população católica (muitos não praticantes) e alta escolaridade.

Apesar de que a fecundidade de brancos não hispânicos nos Estados Unidos ter tido uma queda considerável, a taxa total de fecundidade nesse país tem se mantido perto do nível de reposição sendo uma das maiores dentre os países desenvolvidos. Esse fato pode ser explicado principalmente pela contribuição da população hispânica que integra um quarto da população total no país (Leathage e Neidert, 2006). Segundo esses mesmos autores, os Estados Unidos encontram-se já na segunda transição demográfica e a queda da fecundidade está sendo “aliviada” por causa do comportamento reprodutivo das migrantes. Esse país seria, na verdade, um exemplo clássico de segunda

transição onde a relativamente alta fecundidade dos migrantes compensa a queda na fecundidade dos nativos.

Com isso, os esforços por estudar a relação entre migração internacional e fecundidade têm aumentado. Na literatura, a questão da fecundidade das migrantes tem sido tratada principalmente em uma direção: como emigrantes de regiões de fecundidade alta podem afetar (mantendo ou diminuindo sua fecundidade) a fecundidade no lugar de destino, sendo que no lugar de origem se observam níveis de fecundidade maiores que no destino (Kanh, 1988; Kanh, 1994; Carter, 2000).

A fecundidade é uma variável que, como se sabe, pode ser determinada por fatores individuais, sociais, econômicos etc. O processo reprodutivo, por sua vez, estaria mediado por três elementos que podem ser facilmente identificáveis em cada cultura: relação sexual, contracepção e gestação e parturição. Em todo contexto existem fatores que estão diretamente relacionados com essas variáveis e determinam o comportamento reprodutivo da população (Davis e Blake, 1956). Esses autores chamaram estes elementos de “variáveis intermediárias”. Da mesma forma elas são um produto social e cultural, o que confirma que comportamento reprodutivo está determinado pelo contexto social e cultural no qual o sujeito esteja inserido.

A população migrante, frequentemente apresenta características específicas que as diferenciam do resto da população e, portanto estas variáveis agem de forma diferente nos migrantes. O fato de mudar de residência implica uma mudança para outra cultura e como os fatores que determinam a fecundidade são basicamente culturais e sociais deve existir uma associação entre as mudanças de contexto e mudanças no comportamento reprodutivo das migrantes. O foco deste trabalho não é analisar a influência das variáveis intermédias, mas existem alguns elementos que podem ser observados na fecundidade das migrantes que podem estar dando indícios de uma re-socialização no destino.

2.2 Fatores da Migração: seletividade, assimilação e ruptura.

A migração pode ter um duplo efeito na dinâmica demográfica: efeito na população de origem e na população de destino. Existe basta literatura ao respeito que analisa o comportamento dos migrantes no destino e conseqüentemente o impacto nessa

sociedade (Browning, 1969; Kahn, 1988, 1994; Carter, 2000; Abbasi-Shavazi, 2000). Porém existe uma dificuldade empírica que tem a ver com a impossibilidade de analisar a sociedade de origem com e sem o migrante. Isso quer dizer que nós não vamos saber como teria sido o comportamento desse migrante se não tivesse migrado e é nesse ponto onde estaria o impacto do movimento para a sociedade de origem.

Da mesma forma esse impacto da migração pode ser analisado como impacto direto ou indireto. O primeiro tem a ver com a influência direta no crescimento populacional e o segundo, o efeito indireto, estaria relacionado ao impacto na fecundidade. O que parece ser claro é que a migração supõe mudança demográfica: de maneira geral contribui para rejuvenescer a população por efeito da seletividade por idade da população migrante e aumenta a fecundidade, pois, frequentemente, os migrantes saem de populações que têm níveis de fecundidade relativamente altos ainda; o ponto está em saber se esse impacto na dinâmica demográfica é significativo para a população de destino (Arango, 2004).

O efeito da fecundidade no destino e as possíveis explicações do comportamento reprodutivo das migrantes têm gerado polêmica, e as opiniões ao respeito são diversas. Desta forma têm sido elaboradas na literatura várias hipóteses sobre possíveis tendências das mulheres migrantes e o possível impacto das sociedades de origem y recepora no seu comportamento reprodutivo. Mesmo existindo a teoria de que uma grande imigração de mulheres em idade reprodutiva procedentes de países com fecundidade ainda alta seja uma opção viável para países com índices baixos nesse indicador, existem várias posições ao respeito.

Desde as teorias clássicas, o tema da seletividade dos migrantes tem sido preocupação dos teóricos sobre o assunto. Os trabalhos de Ravenstein (1885) e Lee (1966) podem ser considerados pioneiros entre os estudos sobre migração. Estes trabalhos ocupam-se de um tema que será recorrente em outras abordagens: a seletividade dos migrantes. Desde os postulados iniciais tem se tentado especificar quais são os atributos essenciais que determinam uma seletividade “positiva” na migração⁶. Da mesma forma que as características de migrantes são diferentes às de não migrantes, o comportamento também é diferente, aqui incluído o comportamento reprodutivo das migrantes.

A hipótese da seletividade (Kiser, 1959)⁷ aborda como a população migrante já carrega características que a diferenciam da população de origem e portanto os diferenciais não

⁶ Tomado da revisão feita por Santos (2010).

⁷ Idem

são exatamente consequência de um movimento territorial senão que já existiam como pré-determinados antes do movimento. Entre os migrantes normalmente existem características relativas ao sexo, idade, educação, status laboral e disposição a correr riscos que os diferenciam do resto da população na origem (UNFPA, 2006). Essas características também marcam diferenciais na fecundidade, é por isso que o comportamento reprodutivo de um migrante tenderia a ser diferente do comportamento dos não migrantes.

Segundo Alleman e Velez (2004), os principais diferenciais entre os migrantes e não migrantes são identificados no nível de escolaridade e nas aspirações de migrar. Tanto uma quanto a outra exercem um grande impacto na fecundidade. Uma maior escolaridade tende a gerar uma menor quantidade de filhos; por outra parte a idéia de migrar tem a ver com o desejo de procurar um melhor status de vida, e, modernamente, diminuir o tamanho da família já pode ser um passo para atingir essa melhoria (Alleman-Velez, 2004).

Com isto, o migrante não necessariamente é diferente de seus similares na sociedade de origem por causa de uma maior socialização no destino, senão porque as características desses migrantes já eram diferentes antes de migrar. Isto é, o comportamento após a migração não é uma consequência desta. O fato de migrar seria, talvez, uma consequência de atitudes e comportamentos diferentes aos do resto da população que fica na origem.

Kahn, 1988 ao analisar a fecundidade de migrantes nos Estados Unidos, confirmou que existe um impacto da seletividade no comportamento reprodutivo das imigrantes no destino. O efeito na Taxa Líquida de Reprodução é menor entre migrantes que já se diferenciam da população na origem. Isso quer dizer que existem características como: alto nível de escolaridade, migração em idades muito jovens que permitem uma maior exposição às condições no destino. São características que diferenciam os migrantes do resto da população na origem. Essas características fazem com que o comportamento reprodutivo delas seja diferente ao comportamento das não migrantes na origem; fato que de qualquer maneira poderia ter ocorrido já que essas pessoas são “diferentes” desde antes de chegar ao destino.

Uma segunda hipótese, chamada de hipótese de assimilação ou adaptação (Abbasi-Shavazi and McDonald, 2000) supõe que as pessoas seguem padrões de fecundidade apreendidos na infância e na adolescência e, portanto, níveis de fecundidade da

população receptora só serão atingidos na segunda geração de migrantes (Goldberg, 1959)⁸. Esta teoria sugere que se deve esperar que os migrantes absorvam gradualmente as normas e valores culturais da sociedade de destino (Bean *et al*, 2000). No entanto, existem evidências divergentes desta perspectiva. O processo de adaptação está negativamente relacionado com a idade na qual as mulheres migram, existe uma maior probabilidade de uma pessoa se adaptar melhor se migra mais jovem (Kahn 1988).

A teoria da assimilação pressupõe, também, que, antes da migração, os migrantes são impactados da mesma forma pelas normas e valores da sociedade de origem (Kahn, 1988, p. 112), o que pode não ser verdade na atual realidade cubana principalmente porque, mesmo que existam elementos de igualdade de acesso a alguns serviços no país, as influências culturais tanto internas quanto externas não chegam da mesma maneira para toda a população. Um exemplo disso é o papel das redes sociais de migrantes com não migrantes. Uma pessoa nativa e residente em num determinado país que encontra-se inserida numa rede social de migrantes que residem fora do país, estaria exposto a influências diferentes ao resto da população.

Nesse sentido existe um modelo que analisa os diferentes fatores que podem influir nesse processo de assimilação: segmentação da assimilação. Essa teoria foca mais na adaptação dos migrantes jovens, principalmente da segunda geração e considera fatores exógenos que podem estar impactando o processo. Entre eles são citados o capital humano dos parentes, o contexto social que recebe o migrante e a composição familiar (Portes, 2008). Com isso teríamos uma perspectiva um pouco mais ampla do processo de assimilação da cultura no destino.

A terceira perspectiva teórica focaliza mais nos efeitos da migração em si mesma sobre a fecundidade e tem sido chamada de hipótese de ruptura (Ritchey e Stokes, 1972)⁹. Esta teoria alega que o simples fato de migrar já faz que as pessoas estejam expostas a fatores que vão influenciar ao tempo e quantum da sua fecundidade (Alleman-Velez, 2004).

A ruptura está mais focalizada numa perspectiva de família. Frequentemente quando é o homem que migra primeiro a fecundidade da mulher cônjuge cai antes de ele migrar e se é o caso contrário, a fecundidade tende a diminuir depois do movimento. Neste sentido, é importante analisar o processo num contexto micro social. Por exemplo,

⁸ Em Estrella, Canales e Zavala, 1999.

⁹ Idem

considerar o estado marital da mulher e dessa perspectiva avaliar o comportamento antes e depois do movimento. O ato de migrar pode interromper o processo reprodutivo se considerarmos que este pode implicar no adiamento da formação de união ou separação do casal por determinado período de tempo ou o surgimento de dificuldades econômicas e psicológicas que leva o casal ao adiamento da fecundidade (Kahn, 1988).

Essa perspectiva tornou-se mais importante nos últimos anos quando a tendência da migração está sendo, de maneira geral, a de diminuir os movimentos familiares e predomínio das migrações individuais. Enquanto historicamente os movimentos internacionais femininos eram por motivações familiares, ou seja, viajavam com a família ou para se unir a esta, na atualidade se observa um aumento da migração laboral na população feminina, a maioria das vezes sem companhia de outro membro da família (UNFPA, 2006).

Mesmo com políticas familiares que poderiam estimular a fecundidade em países com taxas muito baixas, a eficácia dessas políticas “pro-natalistas” é polêmica. A partir da década 1970 os países europeus têm implementado políticas para aumentar a fecundidade. Existem pelo menos dois grupos de estudos que analisam este assunto: os que focam no efeito de determinadas políticas no comportamento reprodutivo e os que envolvem os efeitos de políticas públicas na participação das mulheres no mercado laboral após a fecundidade (Neyer, 2003).

Dois anos mais tarde a mesma autora toma a Suécia como exemplo e demonstra que as políticas familiares podem impactar a fecundidade dependendo de como for implementada essa política e de ter levado em consideração na sua elaboração o desenvolvimento social e significação simbólica dela. Por outro lado refere que análises de natureza macro dificilmente vão conseguir revelar esses efeitos, as pesquisas devem ser feitas tendo em consideração variáveis micro (Neyer, 2005).

Por outro lado, McDonald e Abbazi-Shavazi (2000) comparam a fecundidade de imigrantes em Austrália na presença de multiculturalismo, com a das mulheres não migrantes nos países de origem e das nativas em Austrália. O principal resultado sugere uma forte evidência de adaptação das migrantes à fecundidade australiana, mesmo com presença de intenso multiculturalismo.

Mesmo com este resultado, a questão é ainda mais complexa. Foram achadas fortes evidências relacionadas com a seletividade; determinados grupos de migrantes

apresentam características singulares que, mesmo no país de origem, tivessem determinado um comportamento reprodutivo diferente (maior escolaridade, por exemplo).

3 O CONTEXTO DA FECUNDIDADE E DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL EM CUBA

Um dos países que recebe maior quantidade de imigrantes no mundo é Estados Unidos, principalmente imigrantes latinos. O número de migrantes latino-americanos para esse território aumentou de 1,5 milhões em 1960 para 16,1 milhões em 2000 (Census Bureau, 2000), e deve-se considerar que estas cifras podem estar sofrendo subnumerações em razão da migração ilegal. Por essa razão, o interesse pelo estudo das características das comunidades estrangeiras no país norte-americano tem sido um dos principais pontos nas agendas de pesquisa nos últimos anos. Muitos são os aspectos abordados, mas o objetivo do presente trabalho é o comportamento reprodutivo dos migrantes cubanos nos Estados Unidos.

Muitos dos trabalhos que abordam o comportamento reprodutivo de migrantes nos Estados Unidos estão referidos principalmente à comunidade mexicana nesse país (Zavala et al, 1999; Carter, 2000; Bean et al, 2000). O interesse pelo assunto se justifica, em parte, por ser a comunidade latina mais numerosa nos Estados Unidos (65,5% dos latinos no território estadunidense (American Community Survey, 2006). Segundo um estudo feito por Kant em 1998, para o Censo de 1980, a fecundidade das migrantes nos Estados Unidos era muito parecida à fecundidade das nativas. Como ele mesmo esclarece no seu trabalho, esse resultado pode estar escondendo um grande número de diferenças internas que seriam conhecidas com análises estratificadas.

Para o ano 2002, um artigo do Center for Migration Studies comparava a taxa de fecundidade total de migrantes nos Estados Unidos dos dez países que mais emitem população para esse país com a fecundidade das mulheres residentes nos países de origem. De maneira geral, as mulheres migrantes tendem a ter mais filhos que as mulheres não migrantes residentes na origem. Os dados coletados pelo Census Bureau para esse ano indicam que as mulheres CM tinham uma TFT de 1,79 filhos por mulher

enquanto que para as CC era 1,61. As causas destas diferenças não foram totalmente identificadas nesse trabalho. No entanto, o nível educacional foi uma variável considerada como possível explicação para os diferenciais no comportamento reprodutivo (Camarota, S. 2005). O autor apresenta dados que chamam a atenção para o fato de que as imigrantes apresentam diferenciais por níveis de escolaridade bem maiores que as nativas.

Segundo esta mesma autora, poderíamos analisar esse efeito em duas direções. Por um lado caberia perguntar se em condições de fecundidade muito baixa por um longo período de tempo o diferencial por nível educacional já não representa um indicador importante para explicar diferenças no comportamento reprodutivo. Por outro lado, poder-se-ia pensar que são essas mulheres com alta escolaridade quem mais teriam sofrido o efeito de adiar a fecundidade e nesse momento elas estão tendo os filhos que deixaram de ter no passado, e estaríamos então diante do efeito tempo.

É curioso como essas diferenças são observadas em migrantes procedentes de culturas diferentes. A Tab. 1 mostra, em geral, que mulheres de países com taxa de fecundidade total (TFT) muito baixa tendem a ter níveis maiores após ter entrado nos Estados Unidos, como é o caso de Cuba, China e Reino Unido. Já as mulheres de países com TFT relativamente alta tendem a diminuir sua fecundidade como se observa no caso das Filipinas e Índia. No caso das mexicanas, que representam a maior comunidade estrangeira nos Estados Unidos, apresentavam no destino, para o ano 2002 uma fecundidade 46% maior que as mexicanas residentes no México. O que os dados sugerem é uma possível tendência à identificação/homogeneização dos níveis de fecundidade da sociedade de destino.

O caso específico de Cuba, como interesse principal deste trabalho é bem peculiar nesse sentido. A respeito da fecundidade nesse país, caberia mencionar os baixos índices desse indicador desde meados do século passado, colocando essa variável abaixo do nível de reposição (abaixo de 2,1 filhos por mulher) desde o ano 1978. Apesar disto, Rodríguez (2006), assevera que a mulher cubana ainda coloca uma vital importância ao fato de ter filhos.

Ela demonstra que os determinantes próximos da fecundidade que mais estão impactando o comportamento reprodutivo das cubanas são a anticoncepção e o aborto. De maneira geral, em Cuba ter filhos ainda representa um plano importante na vida da

mulher, mas o controle da sua fecundidade é um elemento importante no comportamento reprodutivo das cubanas.

TABELA 1. Taxas de Fecundidade Total de imigrantes nos Estados Unidos e nos países de origem. Países selecionados, 2002.

País	TFT no país de origem	TFT de imigrantes nos EUA
México	2,40	3,51
Filipinas	3,22	2,30
China	1,70	2,26
Índia	3,07	2,23
Viet Nam	2,32	1,70
Korea	1,23	1,57
Cuba	1,61	1,79
El Salvador	2,88	2,97
Canadá	1,51	1,86
Reino Unido	1,66	2,84
TFT para os primeiros 10 países emissores	2,32	2,86

Fonte: Tomado de: Birth Rates Among Immigrants in America: Comparing Fertility in the U.S. and Home Countries. Camarota, 2005.

Da mesma forma, Alfonso (2008), menciona o fato de que entre as mulheres a migração, como plano de vida futuro, é um elemento que determinaria a decisão de ter filhos. Esta temática da migração apareceu espontaneamente no discurso das mulheres entrevistadas no trabalho da autora, principalmente como um plano no curto prazo e relacionado muitas vezes com a formação de família. Dessa forma, muitas vezes a fecundidade está sendo adiada em função de um projeto de migração quase imediato.

A migração internacional, por sua parte, é um elemento básico nesta análise. Contrário à tendência mundial de países com características demográficas pós-transicionais, Cuba apresenta saldos migratórios negativos há mais de sete décadas. Esse aspecto faz com que a situação seja ainda mais complexa e o marco de referência para explicar esse fenômeno seja mais difícil de formular.

O caso dos migrantes cubanos nos Estados Unidos é singular tanto pelas facilidades de saída de Cuba para esse país quanto pela situação favorecedora em relação a outros imigrantes que os cubanos têm ao chegar a esse país (mais detalhes podem ser

encontrados em próximas sessões). É por isso que, tendo em consideração esses aspectos, é oportuno investigar se o comportamento reprodutivo das CM muda após a saída de Cuba e se esse comportamento segue um padrão semelhante ao das CC ou vai sendo cada vez mais próximo ao da população receptora, considerando o grande número de migrantes de outras origens no destino.

Considerando as possíveis hipóteses apresentadas anteriormente sobre o a tendência do comportamento reprodutivo das migrantes e o contexto cubano poderiam ser feitas algumas inferências importantes. No caso de Cuba, em que a população migrante pode ter atitudes diferentes às da população não migrante, provavelmente a hipótese de seletividade, não é muito eficiente para explicar o fenômeno, pela ausência de diferenças de fecundidade em Cuba. Em primeiro lugar, a TFT é relativamente homogênea no país. Esta oscilava entre 1,63 na zona urbana e 1,80 na zona rural, em 2002. Da mesma forma, a diferença no nível educacional para esse mesmo ano era de 0,09 filhos por mulher entre mulheres que cursaram entre 0-6 anos de estudo e mulheres com nível universitário (Rodriguez, G. 2010).

No início da Revolução instaurada em 1959¹⁰, a maioria das pessoas que emigraram de Cuba eram intelectuais e com uma boa situação econômica, procedentes principalmente de zonas urbanas. Em outros momentos da história, a crise econômica dos anos noventa, por exemplo, indivíduos que saíram do país tinham mais baixo nível educacional e uma realidade econômica bem diferente (CEDEM, 2009). Assim, com esses diferenciais, não seria esperado que a seletividade fosse uma boa explicação para uma possível mudança no comportamento reprodutivo das migrantes cubanas. Conjuntamente, a isto deve-se considerar que o processo migratório cubano para Estados Unidos tem sido peculiar e heterogêneo.

No que segue deste capítulo, trata-se de contextualizar as três principais variáveis deste estudo: fecundidade, segunda transição demográfica como contexto demográfico em Cuba e migração.

¹⁰ A Revolução Cubana foi instaurada em Cuba o 1 de Janeiro de 1959 e representou profundas mudanças políticas, econômicas e sociais.

3.1 O contexto econômico da fecundidade cubana

O contexto demográfico cubano apresenta características bem singulares em todos os sentidos. Cuba é uma ilha do Caribe, com um total de 11 236 099 de habitantes em 2008 com uma taxa de crescimento anual negativa com um valor de -0,1 (Anuario Demográfico de Cuba, 2008). Se considerarmos o critério das Nações Unidas no ano 1989, que classificava as populações segundo seu estágio na Transição Demográfica, tendo em consideração a relação entre expectativa de vida e taxa total de fecundidade com determinados fatores do comportamento reprodutivo Cuba já estava na quarta e última etapa deste processo no quinquênio 1980-1985 (Rodríguez, G. 2006).

Para entender melhor em termos comparativos o lugar que Cuba ocupa no contexto mundial considerando mortalidade e fecundidade, na tabela 1 são apresentadas as Taxas Específicas de Fecundidade e a Expectativa de Vida ao Nascer em alguns lugares no mundo, nos continente de maneira geral e em alguns países de América Latina com índices singulares. Como pode ser observada tanto a fecundidade quanto a mortalidade de Cuba é comparável às de regiões mais desenvolvidas. No contexto da América Latina, Cuba vai experimentar indicadores próximos a Chile e Argentina.

TABELA 2. Taxa Total de Fecundidade e Expectativa de Vida ao Nascer. Cuba, regiões e países selecionados, 2005-2010.

	Taxa Total de Fecundidade	Expectativa de vida ao nascer
Total mundial	2,56	67,58
Regiões mais desenvolvidas	1,64	77,06
Regiões menos desenvolvidas	2,73	65,61
África	4,61	54,11
Ásia	2,35	68,86
Europa	1,50	75,11
América Latina e o Caribe	2,26	73,43
Estados Unidos	2,09	79,19
Argentina	2,25	75,34
Chile	1,94	78,62
Guatemala	4,15	70,27
Haiti	3,55	61,24
Cuba	1,50	78,70
Porto Rico	1,83	78,71
México	2,21	76,21
Brasil	1,90	72,32

Fonte: World Population Prospects: The 2008 Revision. Population Division. United Nations

Com esses indicadores é de se esperar que o país tenha passado pelo processo de transição demográfica há já alguns anos. Essa transição começou no início do século XX e já na década de 1980 tinha sido finalizado, época em que se estabilizaram os indicadores demográficos, com uma fecundidade abaixo do nível de reposição desde o ano 1978 e com uma esperança de vida ao nascer de mais de 75 anos para ambos os sexos (Alfonso, 2008).

Como pode ser observado na tabela, Cuba se situa no grupo de países com menor fecundidade no mundo e o país com menor taxa de fecundidade total na América Latina. No contexto da América Latina, segundo as Nações Unidas, as taxas de fecundidade total no período 2005-2010 vão desde 4,2 em Guatemala até 1,6 em Barbados. No entanto, Estados Unidos e Canadá, países da América do Norte e desenvolvidos mostram valores de 2,1 e 1,6 respectivamente para o mesmo período. Cuba encontra-se então com uma fecundidade comparável à média de Europa e abaixo da média de América Latina, cuja TFT ainda está acima do nível de reposição, enquanto Cuba já tem taxas abaixo deste nível há mais de três décadas.

Esses indicadores demográficos são o reflexo de determinadas condições sociais no país. A realidade cubana após a instauração do sistema revolucionário em 1959 experimenta mudanças que transformaram a dinâmica demográfica do país. Um elemento importante nesse processo foi a promoção da mulher na sociedade e a diminuição das desigualdades de gênero, ponto fundamental desde o começo do projeto revolucionário (Albizu-Campos, 2009).

Ainda nas duas primeiras décadas do governo revolucionário ocorreram transformações sociais determinantes na diminuição das desigualdades que existiam no país, decretando várias leis que favoreciam a população com maiores dificuldades econômicas e sociais. A Lei de Reforma Agrária, a Lei da Maternidade, a Nacionalização Geral do Ensino, a diminuição do preço dos medicamentos, a construção de hospitais, gratuidade dos serviços de saúde e educação são alguns dos elementos que contribuíram significativamente para esta enorme mudança¹¹.

No plano da educação pode-se destacar que, enquanto em 1953, Cuba contava com 23,5% de analfabetos, já em Dezembro do ano 1961 o país foi declarado Território

¹¹ Tomado da revisão feita por Alfonso, 2008.

Livre de Analfabetismo, com 3,9% de população na categoria de analfabeto. Em termos de saúde, além da gratuidade, os serviços passaram a ser focados em aspectos importantes relacionados à saúde reprodutiva e a atenção materno-infantil. A saúde pública cubana tem lineamentos e objetivos específicos para a saúde materno-infantil, e muitos dos recursos têm sido colocados em função de atingir esses objetivos (Álvarez, 1985)¹².

Outra medida de vital importância após 1959 foi a institucionalização do aborto, de forma legal, gratuita e confiável nas instituições de saúde pública no país desde a década dos anos 1960. Essa medida, como as outras já mencionadas, teve um impacto homogêneo em todo o país, uma vez que as políticas implementadas eram instauradas da mesma forma tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais.

Pode-se supor que maiores avanços no acesso ao sistema de saúde, um maior nível educacional e um aumento da participação da mulher no mercado de trabalho formal são, sem dúvida, fatores que aceleram o descenso da fecundidade (Schkolnik, 2004)¹³. Dessa forma, pode-se assumir que as mudanças sociais experimentadas em Cuba após 1959 influíram no comportamento reprodutivo.

No aspecto econômico e de modernização os avanços foram menos relevantes. Um fato importante a ser mencionado é o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos. Nesse contexto as relações econômicas mais importantes do país dependiam da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e outros países socialistas europeus¹⁴. Esse elemento, que caracterizou os fortes laços econômicos de Cuba com a URSS é determinante para entender o contexto cubano na década dos anos 1990.

Segundo Triana, (2006), as transformações profundas na economia cubana nos anos 1990 podem ser classificadas como o quarto processo desse tipo no país desde o descobrimento da ilha. O fator externo que condicionou essas mudanças na economia cubana foi a desapareção do bloco socialista soviético. Após a instauração do governo revolucionário, o país teve uma dependência econômica quase absoluta da URSS. A

¹² Ídem.

¹³ Schkolnik, S. La Fecundidad en América Latina. Em: La Fecundidad en América Latina. Transición o Revolución? CELADE, 2004

¹⁴ Detalhes sobre este processo podem ser encontrados na revisão feita Alfonso, 2008, por exemplo.

queda desse sistema político a inícios dos anos 90 colocou à ilha caribenha numa crise econômica que impactou em todas as esferas da sociedade.¹⁵

Entre 1989 e 1993 se produz uma diminuição do consumo de um 31%, da mesma forma o Produto Interno Bruto teve uma queda de aproximadamente um 35% no mesmo período.¹⁶ Por outro lado, o salário real também sofreu uma queda significativa nos três primeiros anos da década, posteriormente teve um pequeno aumento para se estancar após de ano 1995. Nessas condições o salário perde importância como fonte de renda e conseqüentemente as pessoas que dependem desta forma de remuneração para viver foram profundamente afetadas.

Nesse contexto, o governo tenta equilibrar essa situação com diferentes sistemas de benefícios sem conseguir resolver a deterioração experimentada nesse sentido. É nessa conjuntura que começa a ter relevância a renda da prestação de serviços a turistas e nacionais no mercado de trabalho privado. Da mesma forma as remessas aumentam significativamente como fonte de renda, alcançando uma quantidade aproximada de 3 bilhões de dólares entre 1989 e 1996 (CEPAL, 1997).¹⁷

No segundo semestre do ano 1993 foram tomadas três medidas fundamentais que contribuíram para uma maior flexibilidade e um aumento tanto no consumo da população quanto na contribuição para o Estado: livre circulação e uso do dólar americano; autorização do trabalho por conta própria; criação das “Unidades Básicas de Producción Cooperativa”, que foram organizadas sobre a base da distribuição de terras, em aluguel, que pertenciam a granjas do Estado, aos camponeses. Desta forma, os proprietários temporários dessas terras produziram alimentos que seriam vendidos aos novos mercados agrícolas a preços fixados pelos próprios produtores (Albizu-Campos, J. C. 2004, p. 205).

Dentro dessa crise, os indicadores demográficos experimentaram um comportamento relativamente peculiar. Enquanto a mortalidade infantil continuou em descenso, a esperança de vida ao nascer teve uma queda. Logo na primeira metade da década de 90 esse indicador diminuiu 0,5 anos para as mulheres e 0,4 para os homens (Albizu-Campos, 2002). A fecundidade alcançou seus índices mais baixos no início da segunda

¹⁵ Tomado de “Reflexiones sobre Economía Cubana”. Omar Everlenny Pérez Villanueva (Compilador), 2006.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem, p. 247.

metade da década e a migração internacional experimentou o segundo momento de maior saldo migratório externo depois do ano 1959 (Aja, 2009).

Como elemento importante, devemos ter em consideração o paralelismo em Cuba entre a diminuição do PIB per capita e a queda da fecundidade (Gráfico 1) durante a década dos anos 1990, processo que resulta mais marcado entre 1990 e 1996, e que demonstra, em parte, o poder de reação do comportamento reprodutivo diante das crises econômicas modernas.

FIGURA 1. Produto Interno Bruto per capita e Taxas de Fecundidade Total. Cuba, 1980-2008.



Fonte: Banco Mundial e Anuários Demográficos de Cuba.

Como notado por Rodriguez (2006), com o início da crise econômica no ano 1990, a TFT teve a maior queda em cinco anos experimentada no país. Esse indicador caiu 0,34 filhos por mulher no período 1990-1995¹⁸, coincidindo com a maior queda no PIB (Fig. 1). Nessa mesma década, o valor mais baixo alcançado pela TFT foi de 1,44, em 1996, índice superado dez anos depois por uma taxa de 1,39 filhos por mulher. Esta relação entre PIB per capita e fecundidade representa outra das singularidades do contexto demográfico cubano.

Da mesma forma, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um indicador que também impacta nos níveis de fecundidade. Tudo indica que com níveis de IDH menores a 0,4 a fecundidade permanece elevada, mas quando esse índice supera 0,6 a

¹⁸ Calculado a partir dos dados mostrados em: La Fecundidad Cubana a partir de 1990. Las Perspectivas Sociales e Individuales (2006).

maioria dos países que experimentam esse valor começa o processo de transição para níveis baixos de fecundidade, fato que é acelerado quando é alcançado um valor de 0,7 de IDH.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas de 2009, Cuba encontra-se entre os países com IDH elevado com um valor nesse indicador colocado entre 0.800 e 0.899. No relatório do mesmo tipo relativo ao ano 2010, esse país não foi incluído no cálculo do IHD por falta de informações sobre a renda per cápita, mas mesmo assim, esse índice calculado com componentes que não incluem renda tem um valor de 0.892 (Relatório IDH, 2009). Quer dizer que enquanto o comportamento da fecundidade poderia ser contrário ao que a teoria descreve enquanto a PIB per cápita, faz sentido se olharmos os indicadores sociais que reflete o IDH.

Mesmo depois da década dos anos 90s, quando o PIB teve uma tendência ao aumento, a fecundidade cubana não aumentou; de fato os níveis continuaram diminuindo. Logo depois que o PIB per capita começou sua recuperação, a perda na esperança de vida foi recuperada e no entanto a TFT, embora tenha apresentado uma leve recuperação, não volta aos patamares anteriores.

3.2 Sobre os indicadores de Segunda Transição em Cuba

Sendo que Cuba apresenta um contexto caracterizado como de segunda transição (Alfonso, 2008), mas com singularidades interessantes, seria importante analisar as características deste processo no país.

Esse é um ponto central deste trabalho. Sendo Cuba um país em desenvolvimento, com características de segunda transição, como estariam se comportando os indicadores demográficos no país e qual seria o impacto desse contexto na população?

Para Alfonso (2008) Cuba estaria atravessando por um processo peculiar de segunda transição demográfica. Essa afirmação não está baseada só nos valores de fecundidade e mortalidade que experimenta o país, senão também em alguns comportamentos associados a arranjos familiares não tradicionais, idéias de individualismo e autonomia feminina típicos de segunda transição, identificados por van de Kaa (2002), Leathague (2006).

O estudo de Alfonso, (2008), focaliza nas singularidades da segunda transição demográfica em Cuba com relação à formação de famílias. O principal resultado desse trabalho é que, definitivamente, Cuba apresenta similaridades, em termos dos indicadores demográficos, com o que seria chamado de contexto de segunda transição na literatura baseado no comportamento demográfico na Europa, mas da mesma forma esse processo mostra peculiaridades que saem do padrão clássico de segunda transição.

Enquanto as mulheres cubanas estão tendo menos filhos e arranjos familiares não tradicionais, ao mesmo tempo se constata sentimentos de solidão e ausência de redes de apoio familiar, ou seja, a família continua tendo uma grande importância na vida das pessoas elemento que sai do padrão que caracteriza a chamada segunda transição. Por outro lado existiriam estratégias de vida para a realização pessoal, mas sem condições econômicas favoráveis para satisfazer essas aspirações.

Uma autonomia feminina em termos sociais e de possibilidades de inserção em todas as esferas da sociedade, mas com padrões culturais ainda tradicionais na vida cotidiana do homem e a mulher; condições típicas de cenários pro-materialistas em termos demográficos com contexto econômico de escassez e acesso universal à saúde pública, aos métodos de planejamento familiar e inclusive ao aborto com uma alta taxa de fecundidade adolescente, são outros dos elementos que caracterizam a segunda transição em Cuba.

Nesse contexto, como já foi dito, a fecundidade cubana já apresentava índices muito baixos desde meados do século passado, excetuando o “boom” dos nascimentos que experimentou a fecundidade cubana entre finais dos 50s e inícios dos 60s do século passado, essa variável demográfica tem sofrido um processo de significativo descenso. Para ter uma idéia de quanto caiu a fecundidade no século passado e qual foi a velocidade dessa queda pode-se dizer que essa variável demográfica passou de 6,05 para 1,95 filhos por mulher entre o ano 1911 e 1978, ano no qual se colocou embaixo do nível de reposição, condição que tem sido mantida até hoje (Albizu-Campos, J. C. 2009).

Considerando o impacto da sociedade de origem no comportamento reprodutivo no destino, a hipótese que mais poderia explicar possíveis diferenciais seria a hipótese de ruptura. Para as mulheres cubanas, ter filhos em companhia de um parceiro ainda é importante, mesmo porque na análise das singularidades da segunda transição no país feita por Alfonso (2008), os sentimentos de solidão e a importância da família ainda são

elementos importantes. Seria lógico assumir que esses elementos continuam sendo determinantes nas migrantes. Então teríamos pelo menos uma explicação parcial potencial.

No caso específico de Cuba, seria oportuno procurar diferenças em outros aspectos. Os diferenciais na fecundidade das mulheres cubanas tendo em consideração nível educacional não são significativos, aliás, as mulheres com nível educacional alto terminaram a faculdade e apresentam uma fecundidade maior que as mulheres com níveis baixos (de 0 até 6 anos de estudo), mostrando valores para o ano 2002 de 1,78 e 1,69 filhos por mulher respectivamente (Rodriguez, 2006) . Sendo assim a análise de seletividade, por exemplo, parece não explicar possíveis diferenciais na fecundidade das migrantes, pois o comportamento das mulheres cubanas, aparentemente vai num sentido diferente à tendência do diferencial por nível educacional (relação negativa entre nível educacional e fecundidade), uma vez que a baixa fecundidade é generalizada em Cuba.

De qualquer maneira, cada contexto é diferente, e seria ingênuo pensar que as mulheres migrantes, mesmo com pouco nível de assimilação no destino, vão reproduzir diferenciais ou comportamentos de mulheres na origem. Este marco é só um quadro para conhecer o objeto e guiar o trabalho.

Com relação à migração internacional, os países que tem experimentado a segunda transição se caracterizam por ter saldos migratórios positivos. O mais significativo nesse aspecto na análise feita por Alfonso, 2008 sobre segunda transição é que, existe para Cuba uma relação entre fecundidade e migração internacional que não esperava ser encontrada. O seguinte item documenta com mais detalhe como tem sido a evolução desta variável em Cuba.

3.3 Contextualizando o processo migratório

Em primeiro lugar, a migração surge como um projeto de vida a ser realizado no médio prazo, mas ao mesmo tempo esse não seria um plano imediato por causa da conseqüente separação da família. Como resultado aparece um segundo elemento, principalmente entre os mais jovens; o adiamento da fecundidade causado por um possível projeto migratório (Alfonso, 2008). Surge então a migração internacional como um fator que

pode estar impactando de alguma forma o comportamento reprodutivo da mulher cubana.

Assim, a migração internacional como elemento importante a ser analisado em termos de comportamento reprodutivo e possível impacto na dinâmica demográfica do país, entraria na discussão. Em primeiro lugar se Cuba está numa segunda transição demográfica, a migração internacional passa a ser uma variável importante e poderia determinar as possíveis mudanças demográficas. Em segundo lugar, no discurso da mulher cubana aparecem elementos que indicam que essa variável está influenciando nas decisões reprodutivas das mulheres cubanas. Assim, é importante documentar como está ocorrendo essa migração em Cuba e qual tem sido o comportamento da variável nas últimas décadas.

Os movimentos migratórios em Cuba respondem a determinados contextos socioeconômicos e políticos, e suas causas e conseqüências têm sido muito diversas. Nesses movimentos os Estados Unidos da América (EUA) têm ocupado, e ainda ocupam, um lugar importante como destino das pessoas que saem de Cuba. Durante os séculos XVII, XVIII e XIX começaram as migrações para esse país, e na medida em que as contradições entre espanhóis e nativos iam se intensificando, o fluxo foi crescendo¹⁹.

Como o resto dos países de America Latina, Cuba envia um grande número de cubanos parte para os Estados Unidos, elemento que faz com que os cubanos sejam a terceira comunidade hispânica nesse país. A peculiaridade radica-se em que esses dois países mostram uma história de relações conflitantes e muito particulares entre eles, elemento que converte o processo migratório entre os dois países em um fenômeno social complexo. A migração internacional desde Cuba passou a ser significativa, principalmente após a Revolução (Aja e López-Callejas, 2009).

O ano 1869 marcou o início de um transcendental período no processo migratório cubano. Começaram as lutas pela independência da ilha do poder colonial espanhol e com esse fato os movimentos de Cuba para os Estados Unidos aumentaram (Aja, 2009 p. 99). A maioria dos emigrantes na época foram intelectuais ou figuras políticas que emigravam da colônia perseguidos pelo regime. As causas desses movimentos eram essencialmente econômicas e políticas, pois além de migrarem pelas contradições com a

¹⁹ Depois que Cuba foi descoberta pelos espanhóis em 1492, esta ilha foi colônia da Espanha até 1899.

colônia, um grande grupo de cubanos, em sua maioria comerciantes, fazendeiros e estudantes, procuravam emprego na nascente indústria do tabaco na Florida e Nova York.

Nessas regiões dos Estados Unidos, especialmente em Cayo Hueso, Tampa e Nova York, se formaram as primeiras comunidades importantes de cubanos. Foi precisamente nestas comunidades onde a oposição ao regime espanhol achou maior apoio e foram formados clubes revolucionários que e mantiveram até finais dos anos 1990s (Aja, 2009 p. 100). Com isso, a migração Cuba-Estados Unidos é um processo histórico e o começo da formação da comunidade cubana nesse país tem já vários séculos.

No início do século XX os fluxos de Cuba para os Estados Unidos se mantiveram flutuando, nesse período os EUA tinham controle político e econômico da ilha e a maioria das viagens tinha um caráter temporal especialmente nas décadas dos anos 30 e 50 quando a situação política em Cuba estava mais difícil (Rodríguez, 2003). Até o ano de 1958, as leis migratórias para os cubanos nos Estados Unidos eram as mesmas que para o resto dos migrantes. Essa realidade mudou depois de 1959.

Desde a instauração da Revolução cubana, Estados Unidos começa usar esses mesmos fluxos migratórios como mecanismo político. Desde os primeiros dias EUA se declarou inimigo do governo revolucionário em Cuba e criou leis especiais para dar refúgio a todos os cubanos que estivessem contra o novo sistema em Cuba. Esse elemento teria tido um forte impacto tanto na saída de cubanos quanto na inserção na sociedade americana desses migrantes.

Com isso, a Revolução cubana significou uma ruptura no padrão migratório tradicional no país, ganhando maior força os elementos políticos e econômicos motivados pelo próprio processo revolucionário e as contradições Cuba – Estados Unidos. Na primeira etapa (início da década de 1960), os protagonistas da migração internacional em Cuba foram os antigos políticos e a classe alta, substituídos no poder com a Revolução. Esses foram acolhidos nos EUA por um novo programas e leis especiais criadas para cubanos nessa situação: “Programa de Refugiados Cubanos” e “Ley de Ajuste Cubano” (1966). Nesses primeiros anos não só foi o perfil dos atores que mudou. Também a quantidade de migrantes teve uma mudança radical. Entre 1960 e 1969 foram registrados nos Estados Unidos como imigrantes o dobro da quantidade de cubanos que foram identificados como tal no período entre 1900 e 1958 (Aja, 2009).

Esse primeiro fluxo esteve caracterizado por uma grande quantidade de migrantes mulheres, uma migração familiar e especificamente de população branca, elemento que tem estreita relação com as classes sociais que migraram, que foram especificamente grupos privilegiados política e economicamente.

Durante o período 1970-1980 a quantidade de pessoas que saiu do país foi bem menor que na década anterior, com uma taxa de migração não superior a -1,0 por mil. No entanto, no ano de 1980, com os acontecimentos do Mariel²⁰ foi alcançada uma taxa de -14,6 por mil. Nesse ano (1980) a migração foi predominantemente masculina, com 68,9% da população que saiu, principalmente pela forma de migração (por via marítima e com poucas condições de segurança)²¹. No êxodo do ano 1980 teve grande peso de pessoas desempregadas e de com menor nível educacional (Aja e López-Callejas, 2009). Isto ocorreu após os acontecimentos de 1980 (abertura do porto do Mariel) e o estabelecimento dos “Acuerdos migratórios de 1984 entre Cuba y Estados Unidos”²².

A crise dos anos 1990s que começou logo no início da década, marcou outro momento importante nos fluxos migratórios em Cuba. A emigração dos anos noventa pode ser caracterizada, de maneira geral como uma migração de pessoas jovens, com 30 anos como idade mediana, com um predomínio do sexo masculino, procedente principalmente da capital do país. No verão de 1994, ante a ineficiente implementação dos acordos firmados em 1984 por parte dos Estados Unidos, Cuba abre mais uma vez suas fronteiras para todas aquelas pessoas que quiseram sair do país, a quantidade de pessoas foi bem menor se comparamos com os acontecimentos de 1980, mas mesmo assim foi um fato importante (taxa líquida de migração de -4,4, enquanto desde 1983 não tinha superado -1,0 e depois de 1994 só tem apresentado valores superior a -1,0).

Entre 1995 e 2005 se produz na ilha o segundo momento em importância no processo migratório cubano. Nessa época se observa uma recuperação na proporção de mulheres que integram o fluxo. Esse comportamento teria sido produto do cumprimento dos

²⁰ No ano 1980 Cuba liberou um porto situado na cidade de Mariel, perto da Havana para que todas as pessoas que quisessem viajar por via marítima para Estados Unidos pudessem fazê-lo, assim como os familiares que estavam nesse país pudessem entrar na ilha por o Porto do Mariel para buscá-los. Esses acontecimentos são conhecidos como “Puente del Mariel” (Rodríguez 2003).

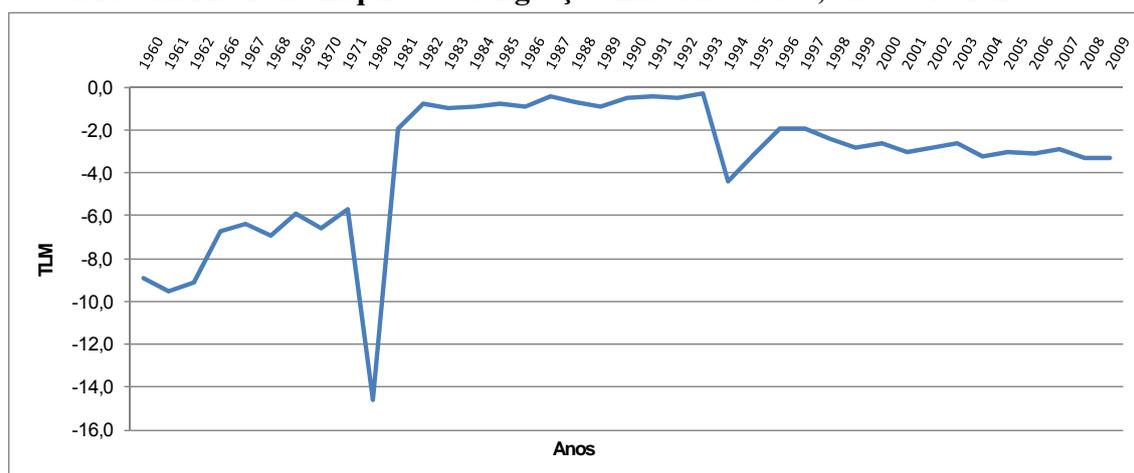
²¹ Aja, Antonio. *La Emigración Cubana entre dos Siglos*. Em: Revista Temas, No. 26, La Habana, 2001

²² Em Dezembro de 1984, após várias conversas entre esses dois países se firma um “Acuerdo Migratorio” que incluía uma normalização dos fluxos. A parte cubana se comprometeria a facilitar a emigração de forma segura daquelas pessoas que desejassem sair do país e Estados Unidos daria 20 000 vistos a cada ano para essas pessoas, privilegiando presos políticos e suas famílias assim como pessoas que tivessem familiares que fossem cidadãos norteamericanos (Rodríguez, M, 2003).

acordos migratórios de 1994²³ e mais uma vez os Estados Unidos aparece como principal receptor de cubanos no exterior. A partir do ano 2004, os destinos se foram diversificando e aparece Europa e América Central como receptores relevantes de cubanos (Aja, 2009).

De forma geral calcula-se que entre 1959 e 2006 tinham saído de Cuba mais de um milhão de pessoas, com o peso significativo nesse processo na década de 60, o ano 1980 e a segunda metade dos anos 1990s. Na maioria dos anos existe um predomínio no sexo feminino, exceto nos anos de êxodo massivo por via marítima (1980 e 1994). Os países com mais população de origem cubano, são: Estados Unidos, Espanha, Itália, Porto Rico, México, Alemanha, Canadá, Venezuela, Costa Rica, República Dominicana, França e Nicarágua, nessa ordem. O Gráfico 2 mostra o comportamento das taxas líquidas de migração em Cuba nos anos selecionados.

FIGURA 2. Taxa Líquida de Migração Externa. Cuba, anos selecionados.



Fonte: Anuários Demográficos de Cuba, 2004 e 2009. ONE.

Com esse cenário migratório, aparece outro elemento peculiar no país que valeria a pena prestar atenção. Enquanto países com regimes demográficos parecidos apresentam saldos migratórios positivos, Cuba surge como país de emigração e os Estados Unidos como principal receptor de população cubana com facilidades tanto para a saída de Cuba quanto para a inserção no contexto estadunidense. O impacto dessas peculiaridades no fluxo migratório Cuba - Estados Unidos podem estar influenciando no comportamento reprodutivo desde duas perspectivas: nas possibilidades de saída do país

²³ Em Setembro de 1994 se produz em Nova Iorque mais uma reunião para regularizar as saídas de cubanos para Estados Unidos. O novo acordo foi, além dos 20 000 vistos anuais, realizar um sorteio para dar a possibilidade de migrar a pessoas que não estavam dentro das prioridades no acordo (Rodríguez, M, 2003).

e nas facilidades na inserção na sociedade de destino. Da mesma forma, o fato de ter um canal de migração legal poderia estar gerando uma feminização do fluxo: para o período 1995-2005 (segundo período em importância nas saídas internacionais desde o ano 1959), as mulheres representavam 53,8% do total de migrantes (Aja e López-Callejas, 2009).

Os acordos migratórios que concedem vistos a cubanos e os canais de migração ilegal fazem com que a migração internacional para os Estados Unidos seja uma possibilidade real. Com isso a migração pode passar a formar parte dos projetos de vida das mulheres cubanas e, conseqüentemente as decisões e os planos futuros, que incluem a formação de família, podem estar sendo mediados pelo o desejo de migrar.

Por outro lado, as leis que acolhem e dão refugio político aos cubanos uma vez em território norte-americano facilitam a inserção e socialização das cubanas no destino. Segundo a bibliografia as migrantes podem adotar as normas reprodutivas no destino em correspondência com o grau de assimilação que elas consigam alcançar nessa sociedade. Desta forma torna-se importante analisar o comportamento reprodutivo das cubanas residentes nos Estados Unidos.

4 METODOLOGIA

A revisão bibliográfica e contextualização anterior permitem que o presente trabalho descansa nas seguintes hipóteses:

- *As migrantes cubanas nos Estados Unidos teriam mais filhos que as cubanas não migrantes residentes em Cuba.*
- *A fecundidade das cubanas nos Estados Unidos é diferente ao comportamento do resto das estrangeiras nesse país.*

Assim também, analisado a quantidade de cubanos que mora nos Estados Unidos e o nível de concentração no Estado da Flórida surgiriam outras duas hipóteses:

- *A fecundidade das cubanas nos Estados Unidos é diferente da fecundidade das nativas e,*

- *O comportamento reprodutivo das cubanas residentes na Flórida é diferente ao comportamento reprodutivo das cubanas residentes no resto do país.*

Para atingir os objetivos (expostos na seção introdutória) e responder a pergunta deste trabalho vai ser usada a base de dados fornecida pela American Community Survey (ACS). Essa informação será usada para calcular vários indicadores de fecundidade. Por um lado o nível vai ser avaliado através das Taxas de Fecundidade Total, e por outro a estrutura analisada com base nas Taxas Específicas de Fecundidade por idades e da idade média da fecundidade como medida resumo.

Para calcular a idade média da população foi usada a população feminina entre 15-49 anos, para a idade média das mães foram consideradas as mulheres que tiveram filhos nos últimos doze meses e para as idades médias da fecundidade as taxas específicas de fecundidade por idades e as taxas totais de fecundidade. Considerando que estamos analisando um quinquênio e que trabalhamos com amostra, foram calculados os indicadores por ano (2005, 2006, 2007, 2008 e 2009) e achada uma média das taxas e das idades médias no quinquênio para obter o resultado final.

Como indicador adicional do padrão da fecundidade calculou-se indicadores da distribuição utilizando o modelo relacional de Gompertz (Brass, 1981). Este modelo permite linearizar a função por idade da fecundidade e descrevê-la mediante os parâmetros da linha reta α e β . A grande vantagem de utilizar este modelo é que, no presente caso, esses parâmetros adquirem um significado demográfico, estando associados, respectivamente, à idade de início da fecundidade e à velocidade com que o processo ocorre ao longo do período reprodutivo. Por ser um modelo relacional, ele pressupõe, de início, uma distribuição padrão (com $\alpha = 0.0$ e $\beta = 1.0$) com a qual qualquer outra distribuição pode ser comparada. No presente caso, a distribuição padrão adotada é a distribuição da fecundidade de Cuba para o quinquênio 2005-2009, haja vista que, neste trabalho, o ponto de referência principal, é a fecundidade em Cuba.

Desta forma, os valores dos parâmetros podem ser facilmente interpretados em função da distribuição padrão, como segue:

QUADRO 1. Indicadores da distribuição por idade das Taxas Específicas de Fecundidade utilizando o modelo relacional de Gompertz (Brass, 1981)

α (Início da fecundidade ou localização da fecundidade no eixo das idades)		β (Velocidade de encerramento do processo reprodutivo)	
Igual a 0.0	Início da fecundidade tal como na distribuição padrão	Igual a 1.0	Velocidade igual ao da distribuição padrão.
Maior que 0.0	Início da fecundidade mais precoce	Maior a 1.0	Velocidade maior
Menor que 0.0	Início da fecundidade mais tardiamente	Menor que 1.0	Velocidade menor
Fonte: Elaborado a partir de notas de aula e Brass, 1981.			

Esses indicadores serão calculados e avaliados para a população nativa nos Estados Unidos e para as estrangeiras residentes nesse país, classificando EM e CM com fins comparativos. Por outro lado essa fecundidade das CM será comparada com o comportamento reprodutivo das CC, para essa análise serão usados os dados dos Anuários Demográficos de Cuba no período em questão.

Foi considerado o Estado da Flórida de forma independente por contar com mais de 75% do total de CM. As CM residindo em outros Estados formaram outra categoria que, dado sua dispersão, são menos representativas considerando o tamanho da comunidade cubana em cada Estado. Os anos de residência nos Estados Unidos foram classificados: 0-5; 6-10 e 11 anos e mais de residência nos Estados Unidos. O tempo de residência no país pode ser outro fator importante na assimilação da cultura e o comportamento, nesse caso reprodutivo, do lugar de destino.

Por outro lado, considerando que o idioma oficial é diferente na origem e no destino (espanhol e inglês respectivamente), o idioma que fala o migrante é outro elemento que vai facilitar ou não uma interação mais ou menos estreita com a sociedade do destino.

O momento no ciclo de vida no qual a mulher migra (antes ou depois de ter chegado ao momento de decidir o tamanho da sua família) vai impactar significativamente, como já foi dito, no nível de assimilação. Portanto o momento no ciclo de vida ao migrar foi

dividido em duas categorias: antes ou depois de ter entrado no ciclo reprodutivo, ou seja, vai ser medido se a mulher entrou antes ou depois dos 15 anos no país. Esta informação não foi recolhida diretamente pela pesquisa usada como fonte (ACS) e para calcular esse indicador primeiro foi calculada a idade ao migrar e posteriormente foram criadas as duas categorias anteriormente citadas usando duas variáveis das quais se tinha informação: idade atual e anos nos Estados Unidos. Dessa forma: idade ao migrar = idade atual – anos nos Estados Unidos

4.1 Fonte e amostra

A ACS é uma pesquisa desenvolvida pelo Census Bureau, durante o ano todo, para substituir o Censo nos Estados Unidos durante o decênio que este não for realizado. A partir de 2005 é escolhida uma amostra representativa da população de lugares com mais de 65 000 pessoas, antes dessa data eram escolhidas só as populações com 250 000 pessoas ou mais. Na amostra são incluídos tanto Estados quanto cidades e municípios, o critério de seleção é a quantidade de pessoas em cada um dos níveis. Apesar de que a informação é recolhida ao longo do ano, a data de referência é 1º de Julho (US Census Bureau, 2009).

A base usada para analisar o comportamento reprodutivo das mulheres cubanas nos Estados Unidos foi a ACS dos anos 2005-2009 que contém uma amostra aleatória do 1% da população desse país. Com base nessas informações foram calculadas as taxas específicas e totais de fecundidade tendo em consideração alguns diferenciais que serão explicados posteriormente.

A amostra selecionada está formada por mulheres nascidas em Cuba que migraram para Estados Unidos e residiam nesse país na data da entrevista (2005-2009). Foram escolhidas só mulheres em idade reprodutiva (15-49 anos) para analisar a sua fecundidade.

Segundo Portes *et al.* (2009), são consideradas segunda geração de migrantes todas aquelas pessoas que são filhas de mãe ou pai nascido no exterior ou pessoas nascidas no exterior que começaram residir na origem antes dos 12 anos de idade, este último grupo

é chamado geração 1,5. Sendo assim seria primeira geração todas aquelas pessoas que nasceram no exterior.

Para os efeitos do presente trabalho será considerada primeira geração todas aquelas mulheres que nasceram em Cuba e migraram para Estados Unidos em algum momento da sua vida, seja antes ou depois dos 12 anos. Tendo em consideração que uma das variáveis que vai ser analisada é a idade de entrada ao país, o efeito do momento no ciclo de vida no processo migratório vai ser importante só no conceito de um possível diferencial na fecundidade nesse sentido.

Nosso principal indicador é a TFT corrente, isto é estimado a partir dos nascidos vivos nos últimos doze meses. Como na base utilizada não tem dados de parturição, que seria um indicador mais completo e robusto para analisar a fecundidade e daria maior qualidade na avaliação das hipóteses, usa-se a fecundidade corrente pressupondo que o comportamento da fecundidade para os grupos analisados estaria se comportando da mesma forma que as coortes estudadas neste trabalho, se as condições demográficas continuarem sendo do jeito que são no período analisado.

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão descritos os principais resultados encontrados nesta dissertação. Em um primeiro momento, será descrita a comunidade cubana nos Estados Unidos no período estudado (quinquênio 2005-2009) e, posteriormente, serão analisados os dados de fecundidade conforme proposto na metodologia no primeiro capítulo. A análise será focada na Taxa de Fecundidade Total com a finalidade de medir o nível de fecundidade dos grupos selecionados.

Considerando elementos estudados na revisão de literatura, na primeira parte serão analisados resultados gerais comparativos entre cubanas não migrantes residentes em Cuba (CC), cubanas migrantes residentes nos Estados Unidos (CM), nativas nos Estados Unidos e outras estrangeiras migrantes nesse país (EM). Após essa primeira análise e para testar algumas das hipóteses sobre o comportamento reprodutivo de migrantes, será analisada a fecundidade tanto de CC quanto de EM, tendo em

consideração três variáveis que poderiam estar influenciando nessa variável: número de anos (vividos) nos Estados Unidos, língua falada e momento no ciclo de vida ao entrar nesse país (considerando entrada na idade reprodutiva).

5.1 A comunidade cubana nos Estados Unidos, 2005-2009

Conforme descrito no Capítulo 1, a comunidade cubana nos Estados Unidos começou se formar no século XVII e, nas últimas décadas, essa migração tem se intensificado. Segundo dados da ACS para o ano 2009, nos Estados Unidos foram registrados 1 003 631 pessoas nascidas em Cuba, o que representa 0,3% da população total dos Estados Unidos e 8,93% da população de Cuba para o mesmo ano.

Analisando a estrutura etária da população cubana residente nos Estados Unidos, mostrado na Tab. 3, pode ser percebido que, em primeiro lugar, esta população está marcadamente envelhecida, com mais do 24% no caso da população feminina e do 32% na população masculina com mais de 60 anos tanto na Flórida quanto no resto do país. Isso é produto de três possíveis elementos: os grandes fluxos de migração dos anos 60 e 80; um grande número de pessoas com idades avançadas migrando em épocas recentes; e uma baixa fecundidade das cubanas, elemento que será mostrado posteriormente. Por outro lado, note-se como a comunidade cubana nos Estados Unidos que mora fora da Flórida é ligeiramente mais envelhecida que a população cubana na Flórida.

Outro fato importante a enfatizar é que a maioria dos cubanos residentes nos Estados Unidos chegou ao país há mais de 21 anos (56,5%), enquanto apenas 27% chegou nos últimos 10 anos, e 16,5% chegou entre 10 e 20 anos atrás. Portanto, pode-se considerar que a população nascida em Cuba representada é majoritariamente formada por migrantes antigos. Esse elemento também poderia estar explicando a estrutura envelhecida da população em questão.

TABELA 3. Composição por sexo e idade (porcentagem) da população cubana residente nos Estados Unidos, 2005-2009.

Idade	Flórida		Outros Estados	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
0-4	0,34	0,28	0,40	0,38
5-9	1,28	1,01	0,88	0,93
10-14	1,87	1,77	1,30	1,59
15-19	2,79	2,73	1,78	1,86
20-24	2,74	2,75	2,36	2,11
25-29	3,24	3,29	2,93	2,30
30-34	6,18	5,67	5,38	3,57
35-39	8,84	6,92	7,47	6,43
40-44	11,68	9,48	10,72	8,82
45-49	10,78	9,24	14,33	11,34
50-54	9,46	8,64	11,74	9,31
55-59	7,73	7,72	8,79	8,76
60-64	7,35	7,87	7,12	7,20
65+	25,73	32,62	24,79	35,39
Total	100	100	100	100

Fonte: Calculado pela autora a partir dos dados da ACS 2005-2009.

Considerando o Estado de residência, pode-se dizer que a comunidade cubana se encontra concentrada fundamentalmente no Estado da Flórida. Dos mais de um milhão de cubanos nos Estados Unidos, 759 132 moram no estado da Flórida, total que representa um 75,6% do total de cubanos nascidos em Cuba residentes nesse país o que evidencia a importância numérica da migração cubana na Flórida. Nos outros Estados, os cubanos são sempre a minoria, representando menos que 5%. Por exemplo, o segundo Estado em quantidade de cubanos é New Jersey, com 4,9% do total de migrantes cubanos, seguido pela Califórnia, que concentra 4% deles. Dessa forma, percebe-se a grande diferença entre a quantidade de pessoas nascidas em Cuba residentes na Flórida e no resto do país. Tal representatividade e dispersão certamente terão uma função importante na adaptação e inserção dos cubanos que moram dentro e fora da Flórida.

O padrão demográfico dos cubanos na Flórida segue a tendência de população envelhecida encontrada na comunidade cubana em geral. A população de 65 anos e mais representa 25,7% no caso das mulheres e 32,6 no caso dos homens. O resto dos grupos etários está distribuído de forma relativamente homogênea, com as maiores diferenças encontrada nos grupos 45-49 e 50-54, onde as populações residentes fora da

Flórida representam um maior porcentagem da população total que os residentes na Flórida.

Conforme explicitado no Capítulo 3, considerando que a maior concentração de cubanos residentes nos Estados Unidos está na Flórida, a análise das variáveis que serão descritas posteriormente será focada na comparação entre a população residente na Flórida e o resto do país.

5.2 A fecundidade das cubanas nos Estados Unidos, quinquênio 2005-2009

5.2.1 Uma visão de conjunto da fecundidade nos Estados Unidos

Como pode ser observada na Tabela 4, a fecundidade das CM apresenta o menor nível se compararmos com as nativas e as EM. O comportamento reprodutivo das americanas mostra uma TFT 4% maior que a fecundidade CM e 28% menor que a TFT das EM. Com relação a Cuba, nesta comparação corresponde claramente a este país o menor nível.

TABELA 4. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β nos Estados Unidos (para nativas, estrangeiras e cubanas) e em Cuba, 2005-2009.

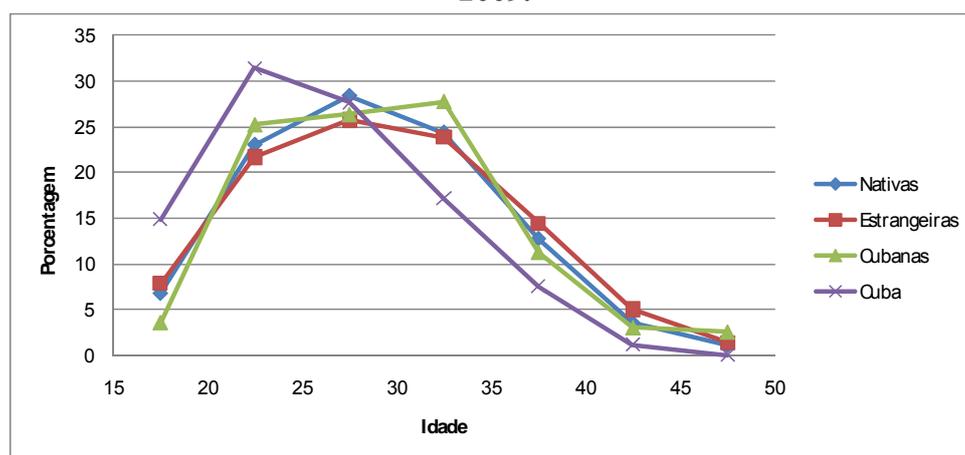
	Estados Unidos			Cuba
	Nativas	Estrangeiras	Cubanas	
15-19	27,54	40,82	14,14	45,25
20-24	93,04	112,51	97,85	95,31
25-29	114,60	133,77	102,12	84,18
30-34	98,42	123,92	107,70	52,04
35-39	51,59	75,11	43,85	22,90
40-44	14,39	26,15	11,97	3,64
45-49	4,52	7,37	10,13	0,17
TFT	2,02	2,60	1,94	1,52
Idade Média da fecundidade	29,3	28,9	29,4	26,24
α	-0,4	-0,4	-0,4	0,00
β	0,8	0,7	0,7	1,00

Fonte: ACS e Anuarios Demograficos de Cuba, 2005-2007.

A TFT das CM é 34% mais baixa que a TFT das EM e 13% mais baixa que a das estadunidenses. Segundo a literatura, considerando que o contexto ou país de origem é de fecundidade muito baixa, estaria explicado porque as cubanas representam o grupo com menor TFT nos Estados Unidos. Apesar disso, a TFT das CC nesse mesmo período era de 1,52 filhos por mulher. Portanto, de forma geral, a tendência das cubanas nos Estados Unidos é a de terem maiores valores que as CC, porém valores menores que as nativas nos Estados Unidos, e ainda abaixo do nível de reposição.

Em termos de estrutura, como se observa na Figura 3, as curvas das nativas, estrangeiras e cubanas nos Estados Unidos são relativamente parecidas entre si, mas se distanciando da curva das CC. O padrão de fecundidade das CM descreve uma estrutura relativamente tardia para o quinquênio estudado, mostrando o maior peso no grupo 30-34 com 107,7 filhos por cada mil mulheres. É importante destacar que, as CC estavam concentrando sua fecundidade nos dois primeiros grupos (15-19 e 20-24). Esses dois grupos concentraram perto de 50% da fecundidade em Cuba; todavia no primeiro grupo (15-19) essas mostram uma taxa específica de fecundidade mais de três vezes maior que a correspondente para as CM. Nos outros casos, essa proporção fica apenas em torno de 30%, sendo ligeiramente menor para as CM.

FIGURA 3. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de estrangeiras, nativas e cubanas nos Estados Unidos e de cubanas residentes em Cuba, 2005-2009.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da TABELA 4.

Cuba, além de ter uma TFT menor no mesmo período, apresenta uma estrutura bem mais jovem quando comparadas com as CM e com nativas e EM (ver Figura 3). Esses

resultados estão de acordo com os valores das idades médias da fecundidade calculadas para as CC, CM e EM nos Estados Unidos.

Os resultados que representam a estrutura da fecundidade na Tab. 4 mostram a semelhança das curvas para todas as mulheres residentes em EUA (nascidas ou não neste país), assim como a diferença destas em relação às CC. Portanto, corresponde às CC, a mais jovem distribuição etária (uma idade média de 26 anos); existem, aproximadamente três anos de diferença com qualquer uma das outras categorias.

Com relação à localização do início do processo reprodutivo no intervalo das idades 15-49, representado pelo parâmetro α , observa-se, coerentemente com o comportamento das taxas por idade já mencionado em linhas anteriores, que apresenta valores negativos. Isto indica que, em todos os casos, o processo começa relativamente mais tarde que comportamento das mulheres CC -que neste caso, como já especificado, é a distribuição de referência, ou distribuição padrão. A diferença maior pertence às CM. Isto é, se consideradas as estadunidenses e as estrangeiras residindo nos EUA, o comportamento que mais se diferencia do padrão da fecundidade de Cuba, corresponde, precisamente, às cubanas migrantes.

Com relação à duração do processo -representado pelo parâmetro β -observa-se, também de forma coerente com as diferenças notadas em α , que em todos os casos, este processo opera-se com uma velocidade menor. Isto é, nos EUA, no geral, independentemente de ser nativas ou não, a fecundidade evolui até idades mais avançadas com relação o que ocorre em Cuba, onde, com se viu na Tabela 3, as taxas de fecundidade para as idades 35 em diante, são extremamente baixas se comparadas com a informação das outras colunas. Especificamente, saliente-se à idade 45-49: a fecundidade em Cuba é praticamente inexistente nestas idades, enquanto que, em EUA, correspondem, precisamente, às CM, os maiores valores.

Considerando que uma das teorias que analisam a fecundidade das migrantes é a teoria da assimilação, poder-se-ia falar que, em termos de TFT as CM teriam assimilado melhor as normas reprodutivas das nativas que o resto das estrangeiras. Por outro lado, considerando o importante fato de se tratar da TFT corrente, e lembrando que na revisão de literatura foram encontradas evidências de que as mulheres cubanas estão adiando a fecundidade pensando numa futura migração, outra hipótese seria que as mulheres

cubanas não necessariamente estariam assimilando os padrões reprodutivos das nativas na origem, senão que estariam tendo esses filhos que deixaram de ter em Cuba na ocasião da espera da saída do país.

Esse comportamento pode estar sendo influenciado por muitos outros elementos, mas o fato é que as CM estão saindo de um contexto de fecundidade menor e se aproximando mais da fecundidade do destino que da origem, tanto que, a fecundidade das CM é 4% menor que a fecundidade das nativas no período e 27% maior que a fecundidade de CC no mesmo quinquênio.

5.2.2 Lugar de residência: Flórida e outros Estados

Na classificação apresentada na Tab. 5, comparando o perfil da fecundidade segundo se trate do estado de Flórida ou não, nota-se, em primeiro lugar que corresponde sempre a este estado os menores níveis em comparação com o resto do país. Isto é verdade tanto para nativas como para estrangeiras, sejam ou não cubanas. Note-se também, com relação às migrantes, que em todos os casos, as CM apresentam as menores TFT, inclusive menor que a que se tem para a Flórida.

Dividindo por lugar de residência como se mostra na Tabela 5, a fecundidade das CM na Flórida é 54% menor que a fecundidade das CM de outros Estados. Justamente é a fecundidade das cubanas, no caso da Flórida, que mais próxima à fecundidade das nativas. Em todos os casos a fecundidade no resto do país é maior que na Flórida. Sabe-se que esse resultado pode ocultar uma grande quantidade de informação sobre outros fatores sociais em cada um dos estados que foram agrupados. Porém, a disponibilidade de informação e o tamanho da amostra não permitiram fazer a análise diferenciada por estados.

Além de ter-se constatado que na Flórida se experimentam TFT's menores que no resto do país, foi observado que o menor nível corresponde às CM e o maior nível pertence às EM, comportamento que se repete tanto na Flórida quanto no resto do país. Comparando com a fecundidade das CC (Tabela 4) se observa que, as CM na Flórida apresentam um comportamento reprodutivo mais próximo ao das CC.

TABELA 5. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos, segundo lugar de residência, 2005-2009.

	Nativas		Estrangeiras		Cubanas	
	Flórida	Outros Estados	Flórida	Outros Estados	Flórida	Outros Estados
15-19	27,12	27,56	34,69	41,71	12,59	22,54
20-24	92,11	93,09	85,45	114,74	85,79	149,57
25-29	107,08	115,01	129,41	134,40	97,34	128,93
30-34	89,65	98,89	115,91	124,69	98,53	158,30
35-39	48,17	51,77	67,47	76,17	38,73	59,51
40-44	13,14	14,46	24,99	26,60	11,06	15,50
45-49	4,58	4,52	7,77	7,25	10,05	9,82
TFT	1,91	2,03	2,33	2,63	1,77	2,72
Idade Média da fecundidade	28,78	28,93	29,67	29,29	29,48	29,05
α	-0,34	-0,38	-0,45	-0,82	-0,44	-0,42
β	0,80	0,81	0,73	0,79	0,79	0,84

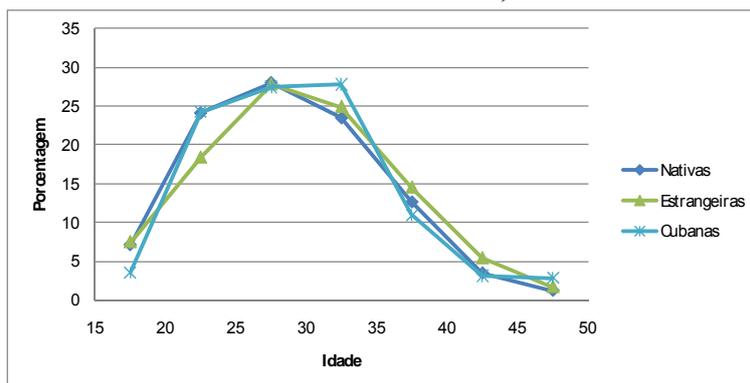
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da ACS e os Anuários Demográficos de Cuba 2005-2009.

Uma das hipóteses que poderia explicar a mudança no comportamento das migrantes é a hipótese da assimilação das normas na sociedade de destino já que a fecundidade nos Estados Unidos, tanto das nativas quanto do resto das estrangeiras é maior que a fecundidade das cubanas em Cuba.

A diferença de quase um filho por mulher entre a Flórida e o resto do país para as CM poderia ser explicada também com base na assimilação, uma vez que nesse estado encontra-se a maior quantidade de cubanos no país, o que aumenta a probabilidade de que seja uma comunidade mais fechada e com maior incidência de normas, valores e costumes da origem, assim como também alternativamente maiores possibilidades de se adaptar à sociedade receptora.

Da mesma forma, poderíamos considerar também uma hipótese relacionada com a seletividade na origem. Sugere-se que o tipo de migrante que se muda para a Flórida é diferente do migrante que mora em outros estados e isso pode estar afetando o comportamento reprodutivo dessas mulheres. Estes dados como se vê, geram a necessidade de um maior trabalho investigativo.

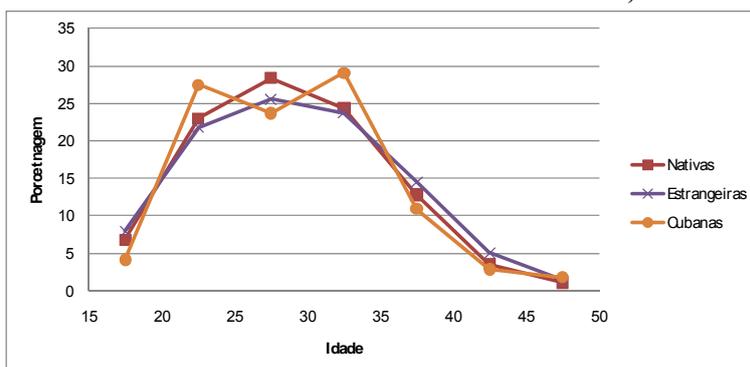
FIGURA 4. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de estrangeiras, nativas e cubanas na Flórida, 2005-2009.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da TABELA 5.

Analisando a Figura 4 se observa que a estrutura da fecundidade CM e EM nesse país segue um padrão relativamente parecido. As CM apresentam a menor fecundidade no primeiro grupo de idade (15-19) e a maior fecundidade no grupo 30-35, elemento que contribui para que sejam precisamente elas as que apresentem uma estrutura de fecundidade ligeiramente mais envelhecida. Esse comportamento se reflete nas idades médias da fecundidade, sendo a distribuição para as CM quase um ano mais velha que para Flórida, mas sem diferença significativa em relação às demais EM.

FIGURA 5. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de estrangeiras, nativas e cubanas residentes em outros Estados, 2005-2009.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da TABELA 5.

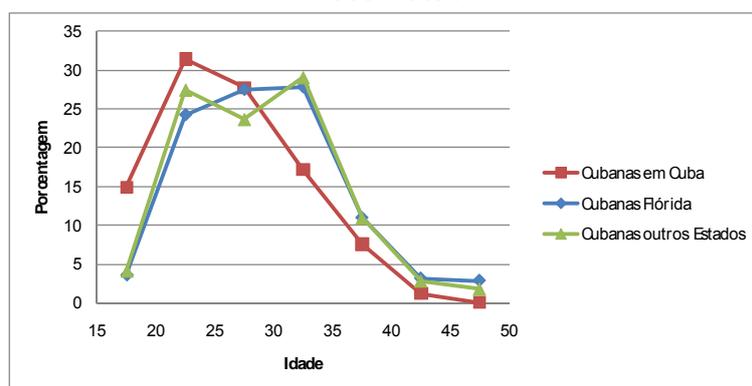
Os parâmetros α e β indicam que não há grandes diferenças, com tudo, nota-se novamente que as CM, independente do lugar de residência nos EUA, iniciam mais tarde o processo reprodutivo que as CC, e demoram mais a completar essa fecundidade.

No resto do país as CM seguem um padrão também muito parecido com as CM na Flórida e ao mesmo tempo ao das nativas e EM. Mais uma vez é notória a taxa de fecundidade no grupo 30-34 anos das CM. Outro elemento que pode ser observado é a menor TEF das CM no grupo 25-29, fato que pode ser conseqüência de estar trabalhando com uma amostra, que no caso das cubanas fora da Flórida, pode ser muito pequena. No entanto, os parâmetros α e β sugerem que não há diferenças importantes.

De modo geral, considerando o Estado de residência, a estrutura da fecundidade das cubanas nos Estados Unidos não muda de forma significativa, no entanto é marcadamente diferente ao padrão das CC (Figura 6).

A fecundidade das CC no primeiro grupo é significativamente maior do que para as CM, sendo a TEF das primeiras quase quatro vezes maior, e duas vezes maior que nas CM em outros Estados. Da mesma maneira a TEF (20-24) é maior CC e após os 30 anos a TEF nos grupos seguintes experimenta valores menores que as taxas das CM em todos os grupos etários. Esse comportamento da estrutura da fecundidade comparando os três grupos (cubanas na Flórida, cubanas no resto dos Estados e cubanas em Cuba) é constatado também na idade média da fecundidade que no caso de Cuba é mais de três anos maior que no caso da Flórida e mais de dois anos maior que no resto dos Estados Unidos (Tab. 4 e 5).

FIGURA 6. Taxas Específicas de Fecundidade (porcentagem) de cubanas na Flórida, em outros Estados nos Estados Unidos e de cubanas residentes em Cuba, 2005-2009.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da TABELA 5.

5.2.3 Fecundidade de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos segundo anos de residência nesse país

Como já foi descrito na metodologia, segundo a disponibilidade dos dados e os elementos mais relevantes da bibliografia, foram escolhidas três variáveis que poderiam indicar o nível de inserção no destino das migrantes, a primeira delas se refere ao tempo de residência nos Estados Unidos. Considerando essa variável foram avaliadas as diferenças entre a fecundidade de mulheres cubanas que migraram em diferentes momentos e a fecundidade das demais estrangeiras no mesmo destino e com o mesmo tempo de migração.

Utilizando dados observados na Tabela 6 é possível ver que a TFT das cubanas nos Estados Unidos por anos de residência nesse país é maior para as que possuem entre seis e dez anos de residência no país. Em todos os casos esse indicador é maior nas residentes fora da Flórida com maiores diferenças no caso das migrantes recentes (com menos de cinco anos no país) com um valor 65% menor na Flórida que no resto do país.

TABELA 6. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas residentes na Flórida e no resto do país segundo anos de residência nos Estados Unidos, 2005-2009.

Idade	Cubanas Flórida			Cubanas outros Estados		
	0-5 anos	6-10 anos	11+ anos	0-5 anos	6-10 anos	11+ anos
15-19	5,68	5,99	29,20	21,74	0,00	0,00
20-24	93,26	93,75	67,90	214,29	193,55	47,62
25-29	98,84	127,91	77,25	181,82	55,56	140,35
30-34	90,91	84,69	110,34	152,78	250,00	102,56
35-39	25,81	66,45	31,40	25,64	73,53	64,04
40-44	11,54	12,38	11,12	0,00	39,47	11,05
45-49	35,09	19,90	6,39	0,00	0,00	11,61
TFT	1,81	2,06	1,67	2,98	3,06	1,89
Idade Média da fecundidade	30,04	30,28	29,97	27,05	30,13	30,98
α	-0,32	-0,41	-0,52	-1,79	-0,62	-0,78
β	0,61	0,68	0,86	3,20	0,82	0,85

Fonte: Calculado a partir dos dados da ACS, 2005-2009.

De forma geral e tentando descrever um padrão segundo os resultados, as CM, tanto na Flórida quanto no resto do país, as TFT são maiores para as CM que têm entre seis e onze anos residindo nos Estados. Outro elemento observado é a queda da fecundidade após onze anos morando no destino. Esse indicador experimenta uma diminuição de um 23% na Flórida e 62% no resto do país com relação às mulheres que têm entre seis e onze anos no país.

Resulta marcante também o fato de que são as CM da Flórida que chegaram nos últimos cinco anos as que, com fecundidade corrente, apresentam a TEF mais alta no grupo 45-49. Sendo as recém chegadas e no último grupo da idade reprodutiva as que mais filhos estão tendo nesse grupo, significa que as CM mesmo mais velhas têm filhos imediatamente após a migração. Esta descoberta seria coerente com o achado por Alfonso (2008) segundo o qual as mulheres esperariam migrar para ter o filho. Outro elemento importante é que, o único caso em que as CM começam a sua fecundidade mais cedo e o processo é mais curto que nas CC é nas residentes fora da Flórida que chegaram nos últimos 5 anos.

Com esse comportamento é difícil tentar explicar a mudança no comportamento reprodutivo. Ao que tudo indica, com o passar dos anos, as cubanas migrantes adotam uma fecundidade bem próxima à das nativas, mas o que poderia explicar um aumento no número de filhos após os primeiros cinco anos de residência?

O ato de migrar, segundo a hipótese de ruptura, pode interromper o processo reprodutivo pela separação do casal. Nesse sentido, mesmo que a fecundidade das CM seja maior que a fecundidade das CC, pode estar acontecendo que algumas mulheres migram sem o esposo e não conseguem completar seu ideal de filhos nos primeiros anos de residência no destino. Depois dos primeiros cinco anos, é possível que ela tenha conseguido um parceiro, conseguido um novo parceiros, ou ter se reunido com o marido que havia ficado em Cuba. Porém, essas são hipóteses que só poderiam ser verificadas diante da disponibilidade da variável de estado marital. Logo, é imprescindível estudar o estado marital da migrante antes e depois do ato de migrar. Mas, considerando as facilidades dos cubanos para se inserir na sociedade americana e as possibilidades de reunificação familiar, sugere-se que as mulheres esperem o esposo migrar para os estados Unidos para então completar sua fecundidade.

O fato das CM que imigraram há mais de onze anos terem uma fecundidade menor do que as das mulheres que estão no país há entre seis e dez anos, pode ter várias explicações. Por um lado, elas realmente estariam sendo coerentes com o discurso de adiar a fecundidade se estivessem apenas esperando a migração para dar início à fecundidade, e de fato as migrantes mais recentes já experimentam taxas maiores que as CC. Por outro resulta importante que as mulheres no intervalo migratório de 6-10 nos Estados Unidos são pessoas que migraram entre 1995 e 1999. Nessa época, Cuba se encontrava na segunda metade da década da crise econômica dos anos 1990. Uma possível explicação às altas taxas de fecundidade pode ser que, durante o início da década de 1990, as mulheres cubanas foram diminuindo gradualmente sua fecundidade no contexto da crise, uma vez que elas saíram do país, tiveram suas situações econômicas melhoradas e então aumentaram o número de filhos. No entanto estamos falando de mulheres que levam mais de cinco anos nos EUA, dessa forma seria importante saber se esse efeito é de período e as CM estão tendo os filhos após os primeiros cinco anos ou realmente elas desde os primeiros anos no país já começaram ter taxas de fecundidade maiores que as CC.

Assim também a fecundidade das EM que moram nos Estados Unidos foi comparada a tendência das cubanas nesse país.

TABELA 7. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e no resto do país segundo anos de residência nos Estados Unidos, 2005-2009.

Idade	Estrangeiras Flórida			Estrangeiras outros Estados		
	0-5 anos	6-10 anos	11+ anos	0-5 anos	6-10 anos	11+ anos
15-19	52,58	35,98	17,79	52,31	36,59	36,38
20-24	88,35	94,65	75,28	133,21	121,93	92,48
25-29	151,48	122,58	115,91	144,13	146,69	116,99
30-34	127,20	122,12	106,65	144,20	138,36	109,00
35-39	81,37	79,73	58,84	89,29	88,06	69,63
40-44	51,71	30,78	18,17	34,14	34,98	23,85
45-49	8,38	9,70	7,48	9,63	8,68	6,89
TFT	2,81	2,48	2,00	3,03	2,88	2,28
Idade Média da fecundidade	30,04	29,98	29,97	29,36	29,75	29,50
α	-0,41	-0,45	-0,54	-0,35	-0,41	-0,40
β	0,63	0,69	0,77	0,69	0,70	0,72

Fonte: Calculado a partir dos dados da ACS, 2005-2009.

No caso das EM, de forma geral o padrão é consistente com a teoria da assimilação. Segundo Camarota (2005), a maioria das mulheres procedentes de países que emitem grandes fluxos de população para Estados Unidos, em 2002, tinha taxas de fecundidade maiores no destino que na origem. Segundo os resultados encontrados neste trabalho, as EM, geralmente chegam aos Estados Unidos com taxas de fecundidade altas e esses valores vão baixando proporcionalmente ao tempo de residência no país. Isso pode ter duas interpretações hipotéticas: as mulheres estão adiando de alguma forma a sua fecundidade na origem e uma vez nos Estados Unidos elas têm os filhos imediatamente depois de migrar; ou com o tempo elas vão assimilando as normas reprodutivas no destino (nota-se que as mulheres com mais de onze anos têm uma fecundidade muito próxima à fecundidade das nativas).

Existem então dois elementos importantes ao se comparar fecundidade das CM com as EM controlando por anos de residência nos Estados Unidos. Em primeiro lugar, as CM na Flórida apresentam uma fecundidade menor que as EM: 65% menor que as que possuem menos tempo de estadia, 49% menor que as imigrantes de 6-10 anos no país e 13% menor que para as imigrantes de 11+ anos. Por outro lado, as EM apresentam fecundidade maior que as CM em todos os casos, exceto nas que moram fora da Flórida e têm entre seis e dez anos nos Estados Unidos. Nesse caso, as estrangeiras apresentam uma taxa de fecundidade total 6% menor que as cubanas na mesma situação.

Olhando as idades médias da fecundidade pode ser observado que as cubanas que chegaram aos Estados Unidos nos últimos cinco anos e foram morar na Flórida mostram uma fecundidade quase três anos mais velha que as que moram no resto do país; por outro lado, nas CM com mais tempo residindo nesse país (mais de 11 anos) a idade média da fecundidade é um ano menor para as residentes na Flórida, que para as que moram no resto do país.

Assim, as estruturas mais jovens são percebidas nas CM que chegaram há menos tempo e foram morar fora da Flórida e nas que chegaram há mais de onze anos e ficaram nesse Estado. Mesmo assim, a estrutura das CM recentes residentes fora da Flórida é ainda mais jovem (2,4 anos) que as mais antigas nesse estado na data da entrevista. Nota-se, também, que as CM residentes em outros estados apresentam fecundidade mais jovem entre as migrantes recentes e mais envelhecida entre as mais antigas. Esse comportamento não é possível de ser explicado somente com os dados e elementos

analisados neste estudo, porém, sugere-se que o comportamento reprodutivo das cubanas que moram fora da Flórida há mais de onze anos é diferente do comportamento das migrantes recentes que residem nesses Estados.

Fazendo uma análise global, pode-se dizer que, em termos de estrutura, não parece existir um padrão definido de diferenciais por ano de residência nos Estados Unidos que possa impactar de maneira importante a estrutura da fecundidade nas suas migrantes, sendo esse diferencial ligeiramente menos marcante no caso das estrangeiras não cubanas. Olhando o comportamento desse indicador na Flórida, poderíamos pensar que, como nas mulheres com mais de onze anos no país essa idade é mais próxima à idade observada nas nativas, estaríamos diante de um indicador de assimilação.

No entanto, isso não faria muito sentido considerando que no resto do país, onde existe menos concentração de cubanas, essa idade é quase dois anos maior que nas nativas. No caso das CM, não existe um padrão definido na estrutura da fecundidade e não há evidências robustas nem de assimilação dos padrões do destino nem da existência de normas reprodutivas da origem. Assim também tanto o início quanto a duração da fecundidade das CM é menor que nas CC, exceto nas CM que moram em outros Estados e chegaram nos últimos cinco anos aos Estados Unidos.

5.2.4 Fecundidade de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos segundo idioma

Controlando por idioma, considerando se fala ou não inglês, que é a língua oficial do país de destino, foram comparadas da mesma forma cubanas e demais estrangeiras tanto na Flórida quanto no resto do país. Uma primeira observação geral é que mulheres que falam inglês mostram taxas de fecundidade menores que mulheres que não falam a língua.

Mais uma vez foi constatado que a fecundidade tanto das estrangeiras quanto das cubanas é maior no resto do país que na Flórida, e que a fecundidade das CM é menor que a fecundidade das EM em todos os casos. No caso das CM, as diferenças nas taxas de fecundidade total entre as que falam inglês e as que não falam apresentam valores muito próximos. Na Flórida, as que falam o idioma mostram uma fecundidade 10%

menor que as que não falam; já para o resto do país, essa variação é de 12%. Por outro lado, nas EM foram identificadas diferenças bem maiores: as que moram na Flórida e que dominam o inglês têm uma taxa de fecundidade 78% menor que as mulheres que não falam a língua inglesa. No caso das residentes no resto do país, o diferencial é de 67% no mesmo sentido.

TABELA 8. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas e estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e no resto do país segundo idioma. Estados Unidos, 2005-2009.

Idade	Cubanas Flórida		Cubanas outros Estados		Estrangeiras Flórida		Estrangeiras outros Estados	
	Não fala inglês	Fala inglês	Não fala inglês	Fala inglês	Não fala inglês	Fala inglês	Não fala inglês	Fala inglês
15-19	0,00	13,45	0,00	20,62	181,82	29,42	174,51	35,24
20-24	129,63	81,40	0,00	165,05	173,33	76,92	217,56	101,46
25-29	142,86	92,70	250,00	118,64	190,08	122,80	188,84	126,34
30-34	68,18	100,93	280,00	136,09	108,56	116,58	131,68	123,80
35-39	13,89	44,00	62,50	62,70	85,31	66,31	83,79	75,41
40-44	11,81	11,36	0,00	15,73	29,55	24,57	28,19	26,43
45-49	22,32	9,29	0,00	10,22	19,48	7,02	7,10	7,35
TFT	1,94	1,77	2,96	2,65	3,94	2,22	4,16	2,48
Idade Média da fecundidade	28,67	29,65	30,92	28,85	26,92	29,93	26,57	29,63
α	-0,01	-0,49	-4,02	-0,30	0,17	-0,52	0,14	-0,43
β	0,66	0,80	3,72	0,78	0,60	0,74	0,70	0,73

Fonte: Calculado a partir dos dados da ACS, 2005-2009.

Comparando as CM com as EM nota-se que a diferença entre as primeiras que não falam inglês e as segundas é de dois filhos na Flórida e mais de um filho nos outros estados. Assim, no caso das que falam inglês, as diferenças entre cubanas e estrangeiras são de menos de um filho tanto para Flórida quanto para o resto do país.

Dessa forma existem vários elementos que podem ser destacados nesse ponto. Em todos os casos, a fecundidade de migrantes (tanto cubanas quanto estrangeiras em geral) é maior para as que não falam inglês quando comparadas com as que falam; as diferenças nas taxas dos grupos analisados aumentam nas residentes em outros estados (CM e para EM); controlando por idioma, entre as EM se observam diferenciais mais marcantes que entre as CM.

A estrutura da fecundidade das EM que não falam inglês, por sua vez, mostra uma fecundidade mais jovem que as que falam inglês e o início da fecundidade (com α próxima de 0,0) é muito semelhante ao de CC com exceção das CM de outros Estados que têm muitos poucos casos, no geral, mulheres que não falam inglês têm um início da fecundidade bastante precoce, igual às CC. As CM, mais uma vez, se comportam de forma diferente, com uma fecundidade das que não falam inglês quase um ano mais jovem na Flórida e no resto do país quando comparadas as que falam o idioma.

Na categoria que não fala inglês, as CM mostram fecundidade mais jovem que as EM tanto na Flórida quanto no resto do país. Por outro lado, entre as CM que falam inglês o comportamento é bem homogêneo. O padrão geral das EM é ter estruturas mais jovens quando não se fala inglês. Considerando que o idioma pode ser um indicador de nível de escolaridade, faz sentido dizer que os diferenciais na estrutura da fecundidade por idioma podem estar refletindo diferenciais na escolaridade das migrantes. As cubanas apresentam um comportamento relativamente homogêneo enquanto o resto das estrangeiras mostram diferenciais mais marcantes. De forma geral, podem ser observadas duas tendências: primeira é que as cubanas, em média, apresentam uma fecundidade mais velha que o resto das estrangeiras. Segundo, que os diferenciais entre as que falam e não falam o idioma oficial no destino são mais marcadas nas EM que nas CM.

Analisando os parâmetros α e β , note-se que a estrutura mais próxima à das CC é precisamente a das CM na Flórida que não falam inglês. Esse fato é importante na hora de explicar mudanças no comportamento reprodutivo considerando a hipótese de assimilação. É válido também observar que, mesmo a TEF do primeiro grupo etário das CM que não falam inglês na Flórida, é precisamente esse grupo que mais próximo está da estrutura das CC em termos de início da fecundidade.

Considerando o idioma como uma forma de adaptação e uma via para a assimilação da cultura no destino, poder-se-ia dizer que esse elemento pode ter um impacto no comportamento reprodutivo das migrantes, sendo maior para as EM e fazendo o lugar de residência ser um importante elemento nessa análise: segundo os resultados obtidos, o idioma não representaria um elemento significativo nos diferenciais de fecundidade segundo lugar de residência para as CM, no entanto, apresenta um diferencial importante para as EM.

Por outro lado, se consideramos que existe uma teoria que analisa a seletividade das migrantes, poderíamos levantar outra hipótese: as migrantes nos Estados Unidos que falam inglês foram mais “positivamente” selecionadas e, portanto, mesmo sem um ter experimentado um processo de adaptação importante, já teriam comportamento reprodutivo diferente. Sendo que o nível de escolaridade é um elemento importante na seleção das migrantes, e esse mesmo indicador é um diferencial básico na fecundidade, poder-se-ia pensar que as migrantes que falam inglês possuem um maior grau de escolaridade e conseqüentemente têm uma fecundidade mais baixa.

O fato é que mesmo por seletividade ou por assimilação, os resultados sugerem que o idioma é um diferencial importante no comportamento reprodutivo das migrantes nos Estados Unidos, com maior ênfase nas que residem fora da Flórida, e mais significativo entre as EM que entre as CM. No caso das cubanas, sugere-se que essa seletividade anteriormente citada não seja significativa na hora de escolher o lugar de residência no destino, considerando que as taxas de fecundidade na Flórida e no resto do país são bem próximas.

5.2.5 Fecundidade de cubanas e estrangeiras nos Estados Unidos segundo momento no ciclo de vida ao entrar ao país

Uma terceira variável que, segundo a literatura (Kanh, 1988), pode impactar no comportamento reprodutivo por meio do nível de assimilação e adaptação dos migrantes é o momento no ciclo de vida no qual a pessoa migra. Nesse caso, uma classificação importante é se a mulher migrou antes ou depois de entrar na idade reprodutiva. Dessa forma, a assimilação das normas reprodutivas tanto da origem quanto do destino pode impactar de forma diferente.

A Tabela 9 mostra os resultados nas taxas de fecundidade controlando por idade da mulher ao entrar nos Estados Unidos. O impacto em termos de diferenças é menor que controlando por idioma. Tanto nas CM quanto nas EM a tendência é a terem uma fecundidade corrente maior se migrarem após ter entrado no período reprodutivo. No caso das CM, as diferenças são menores. Na Flórida as CM que migraram antes dos quinze anos apresentam uma fecundidade 11% menor que as que migraram depois dessa

idade, da mesma forma que as CM que moram fora da Flórida mostram uma diferença de 14% no mesmo sentido.

TABELA 9. Taxas de Fecundidade por idades (por mil), Taxas de Fecundidade Total, Idade Média da Fecundidade e parâmetros α e β de cubanas e estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e no resto do país segundo momento no ciclo de vida ao entrar nos Estados Unidos, 2005-2009.

Idade	Cubanas Flórida		Cubanas outros Estados		Estrangeiras Flórida		Estrangeiras outros Estados	
	Antes de entrar na idade reprodutiva	Depois de entrar na idade reprodutiva	Antes de entrar na idade reprodutiva	Depois de entrar na idade reprodutiva	Antes de entrar na idade reprodutiva	Depois de entrar na idade reprodutiva	Antes de entrar na idade reprodutiva	Depois de entrar na idade reprodutiva
15-19	14,93	0,00	25,32	0,00	29,24	63,18	36,20	67,25
20-24	79,17	90,16	89,29	200,00	79,98	91,17	96,12	133,71
25-29	62,86	114,43	125,00	116,88	114,33	135,96	115,66	143,06
30-34	116,67	90,19	152,17	154,36	105,57	119,35	109,69	129,52
35-39	39,43	38,42	70,87	53,81	60,68	69,11	71,80	77,47
40-44	8,56	12,99	14,44	14,71	14,35	27,16	22,18	27,61
45-49	4,24	16,38	7,85	12,61	6,97	8,06	7,25	7,34
TFT	1,63	1,81	2,42	2,76	2,06	2,57	2,29	2,93
Idade Média da fecundidade	29,48	30,00	29,86	28,92	29,44	29,00	29,46	28,60
α	-0,62	-0,41	-0,65	-0,30	-0,48	-0,33	-0,40	-0,24
β	0,92	0,72	0,87	0,80	0,80	0,71	0,72	0,71

Fonte: Calculado a partir dos dados da ACS, 2005-2009.

As EM, por sua vez, apresentam um diferencial de 25% na Flórida e 28% no resto do país, sempre com taxas maiores para as migrantes que entraram no país com mais de 15 anos. Essa tendência poderia ser coerente se considerarmos que a maioria das estrangeiras vêm de países com fecundidade maior que nos Estados Unidos. Segundo a teoria da assimilação, mulheres que migram mais jovens teriam maior probabilidade de se adaptar às normas reprodutivas no destino. Assim o fato de EM que migraram antes dos quinze anos terem uma fecundidade menor que as que migraram depois do início do período reprodutivo pode ser um indicador de assimilação.

As CM nos Estados Unidos, mesmo com fecundidade mais alta que as CC, ainda não mostram níveis próximos aos das nativas no destino. No entanto, mesmo vindas de um contexto de fecundidade mais baixa, a adaptação não explicaria as diferenças de fecundidade para as mulheres que chegaram antes ou depois de entrar no período reprodutivo. Uma hipótese provável poderia estar relacionada ao fato de que as CM estão manifestando uma idéia de adiar a fecundidade como consequência de projetos

futuros de migração internacional. Nesse caso, mulheres que já saem de Cuba com planos de ter filhos fora do país, adiam o nascimento de seus filhos e, ao chegarem ao destino, aumentam sua fecundidade. Entretanto, as meninas mais jovens que migram ainda sem ter um projeto reprodutivo completamente elaborado, poderiam estar mantendo normas reprodutivas da origem, considerando que os fatos não mostram que o momento no ciclo de vida ao migrar pode ser um indicador importante de assimilação das normas no destino.

Analisando a estrutura da fecundidade segundo o momento no ciclo de vida no qual entrou nos Estados Unidos (considerando se migrou antes ou depois de entrar na idade reprodutiva), percebemos que os diferenciais não parecem mostrar variações importantes já que nas mulheres que migraram antes de entrar na idade reprodutiva, a estrutura da fecundidade é muito próxima tanto para EM quanto para as , inclusive considerando o lugar de residência nos Estados Unidos.

Porém, as migrantes que entraram no país após os quinze anos de idade apresentam comportamento reprodutivos, em termos de estrutura, variáveis. A idade média à maternidade das migrantes, tanto de cubanas quanto do resto, que moram fora da Flórida, é muito próxima à idade média das nativas.

Em primeiro lugar, pode-se dizer que os diferenciais observados considerando o momento no ciclo de vida da mulher ao migrar não são marcantes no comportamento reprodutivo e parece que este elemento não tem um impacto em termos de estrutura, no comportamento reprodutivo. Por outro lado, não foi constatado o referido pela teoria de assimilação - segundo a revisão de literatura, mulheres que migram mais jovens teriam mais chance de se adaptar às normas reprodutivas no destino, no entanto, os resultados mostram que são precisamente mulheres que migraram após os quinze anos e que moram fora da Flórida que têm estrutura de fecundidade mais próxima às nativas nos Estados Unidos.

5.3 As idades médias como uma alternativa de análise resumo da estrutura da fecundidade

Como já foi descrito até aqui, a fecundidade das CM apresenta uma estrutura muito mais envelhecida do que as CC. Em princípio poder-se-ia pensar que as diferenças na

estrutura etária da população poderiam estar afetando essa mudança no padrão de fecundidade das cubanas. A comunidade cubana nos Estados Unidos é mais envelhecida que a população cubana em Cuba, que a população nativa nos Estados Unidos e que o resto das estrangeiras nesse país. Mesmo assim o número médio de filhos por mulher não é uma variável que depende da estrutura etária nem da população nem das mães. Esse elemento pode ser analisado se olharmos as e comparamos a idade média da população feminina em idade reprodutiva, a idade média das mães e a idade média da fecundidade.

TABELA 10. Idade média da população feminina entre 15-49 anos, idade média das mães e idade média da fecundidade. Nativas, estrangeiras e cubanas na Flórida e em outros Estados, e cubanas em Cuba. 2005-2007.

	Flórida			Outros Estados			Cuba
	Nativas	Estrangeiras	Cubanas	Nativas	Estrangeiras	Cubanas	
Idade Média da População	32,61	34,90	37,07	32,57	34,52	38,81	33,30
Idade Média das Mães	28,55	31,06	32,15	28,72	30,77	32,35	26,67
Idade Média da Fecundidade	28,78	29,67	29,45	28,93	29,29	29,05	26,24

Fonte: Calculado a partir dos dados da ACS e Anuários Demográficos de Cuba, 2005-2009.

Como pode ser observada na Tabela 10 a população nativa nos Estados Unidos apresenta a estrutura de população feminina em idade reprodutiva mais jovem no país. Da mesma forma são estas mulheres as que experimentam estruturas mais jovens tanto nas mães quanto na fecundidade. No entanto observando e comparando as nativas nos Estados Unidos com as CC podemos constatar que a idade média da população não guarda relação direta com a estrutura da fecundidade; enquanto as CC mostram uma estrutura da população mais de um ano mais velha, a fecundidade em Cuba é mais de dois anos mais jovem.

Outro exemplo disso é a diferença de mais de seis anos entre a estrutura da população de CM e da população de EM fora da Flórida, com as CM como população mais envelhecida, e mesmo assim a idade média da fecundidade entre esses grupos apresenta valores muito próximos, com menos de um ano de diferença. Com estes fatos pode ser constatado que, a mudança na estrutura da fecundidade das CM nos Estados Unidos

com respeito às não migrantes, não representa um efeito causado por uma estrutura da população feminina mais envelhecida e sim por uma mudança no comportamento da mulher cubana após a migração mesmo.

6 Considerações finais

Depois de ter analisado e comparado o comportamento das CM no quinquênio 2005-2009 existem várias considerações importantes que podem ser feitas a partir dos fatos observados.

De modo geral foi constatada que a fecundidade das CM residentes nos Estados Unidos no período em questão é diferente à fecundidade das CC tanto em nível quanto em estrutura. As CM mostram uma taxa total de fecundidade 28% maior que as CC e uma estrutura de fecundidade mais tardia.

Comparando com o comportamento reprodutivo das nativas e das EM, nota-se que as cubanas tendem a mostrar taxas menores de fecundidade, da mesma forma essas taxas, mesmo sendo menores, são mais próximas aos valores das nativas que das EM. Em termos de estrutura, o comportamento das CM difere ainda mais do padrão de fecundidade jovem em Cuba e fica bem mais próximo ao comportamento tanto das EM quanto das nativas nesse país. Baseado nesses fatos se poderia levantar algumas reflexões.

Em primeiro lugar, se focamos na teoria da assimilação, as CM estariam mostrando uma maior adaptação às normas reprodutivas no destino que as EM, pois o comportamento reprodutivo das CM encontra-se mais próximo ao comportamento das nativas que ao das EM. Por outro lado, realmente as CM poderiam estar adiando sua fecundidade, como elas mesmas expressam, esperando um projeto futuro de migração internacional e conseqüentemente essa fecundidade aumenta ao sair de Cuba.

Classificando por lugar de residência se constatou que, de modo geral o comportamento das CM residentes na Flórida é diferente ao comportamento das CM em outros Estados. A fecundidade das primeiras é mais de 50% menor a das segundas, no entanto em termos de estrutura as diferenças não são importantes. Considerando que é justamente na Flórida onde existe a maior concentração de cubanos nos Estados Unidos, provavelmente o nível de assimilação das normas reprodutivas no destino seja menor na Flórida que no resto do país. Por outro lado essas diferenças podem ter uma origem no processo de seletividade, pois é possível que as migrantes que estão indo morar fora da Flórida apresentam características diferentes das migrantes que moram nesse Estado.

Analisando o comportamento reprodutivo das CM na Flórida e comparando com as nativas e as EM nesse Estado se observa que, as CM mostram a fecundidade mais baixa nos Estados Unidos, mais próxima à fecundidade das nativas que as EM e igualmente abaixo do nível de reposição. Nas residentes no resto do país, os diferenciais entre CM, nativas e EM são menores e em todos os casos as taxas específicas de fecundidade se encontravam acima do nível de reposição. A estrutura da fecundidade nas nativas resulta ser a mais jovem entre os três grupos analisados, assim também entre as CM e EM o padrão é muito próximo da mesma forma que é observado na Flórida.

Controlando por anos residindo nos Estados Unidos, a maior fecundidade é experimentada pelas CM que têm entre seis e dez anos residindo nesse país, comportamento que foi constatado tanto para as cubanas na Flórida quanto para as cubanas no resto do país. A tendência das EM segue um padrão de diminuição na sua fecundidade segundo a quantidade de anos morando nos Estados Unidos.

Dessa forma, no caso das EM poderíamos estar em presença de um processo de assimilação das normas reprodutivas no destino. Essa teoria é mais difícil de ser argumentada no caso das CM que, se bem após dos primeiros cinco anos notamos um aumento no número de filhos por mulher, essa taxa volta a ser baixa depois de ter morado nos Estados Unidos mais de dez anos. Assim as diferenças mais significativas entre as CM são percebidas nas migrantes mais recentes que moram dentro e fora da Flórida, com mais de um filho de diferença (entre CM mais recentes dentro e fora da Flórida).

Em termos de estrutura, o maior diferencial é observado entre as CM considerando tempo e lugar de residência, as CM mais recentes (com menos de cinco anos no destino)

que vão morar fora da Flórida mostram a menor idade média da fecundidade, semelhante às CC. Isso confirma como as características das cubanas dentro e fora da Flórida é um elemento importante na análise de CM nos Estados Unidos.

Se analisarmos o idioma que falam CM e EM, no caso das CM não se percebem diferenciais importantes. Tanto na Flórida quanto no resto do país, as CM que falam inglês mostram uma fecundidade levemente menor que as que não falam, fato que pode contradizer a teoria da assimilação, pois falar a língua no destino poderia ser um elemento importante na inserção na sociedade receptora.

É importante o fato de que, no caso das EM, as diferenças entre as que falam e não falam inglês nos Estados Unidos são bastante importantes, mais notórias no caso das que moram fora da Flórida. Uma possível explicação seria que, falar a língua ou não no destino poderia ser um indicador de nível de escolaridade, elemento que estaria impactando mais no comportamento reprodutivo das EM que das CM. É importante também ressaltar que em termos de estrutura, no caso da Flórida, as CM que não falam inglês mostram uma estrutura mais jovem que as que falam o idioma, porém fora da Flórida são exatamente as que falam o idioma oficial do destino as que mostram fecundidade mais jovem. No caso das EM, as que não falam a inglês mostram fecundidade mais jovem tanto na Flórida quanto fora desse Estado.

Por último, controlando se as mulheres entraram nos Estados Unidos antes ou depois de ter entrado no período reprodutivo (antes ou depois dos quinze anos) foi constatado que, tanto nas CM quanto nas EM, as que entraram no país após os quinze anos apresentam fecundidade maior que as que entraram antes. No caso das EM, isto poderia ser um indicador de assimilação, pois considerando que a maioria delas estão vindo de contextos com fecundidade ainda alta, quanto mais jovem for realizada a migração, maior probabilidade de se adaptar às normas do destino. As CM por sua vez, mostrando menor fecundidade nas que migraram mais jovens não parecem estar mantendo uma relação direta entre migração jovem e assimilação das normas no destino.

Um fato que poderia eventualmente explicar taxas de fecundidade correntes levemente maiores nas CM que entram nos Estados Unidos com mais idade seria que, considerando que existe uma manifestação explícita da mulher cubana de adiar a fecundidade como consequência de um projeto futuro de migração internacional, em vistas desse adiamento elas decidem ter uma fecundidade maior no destino.

Por outro lado e analisando os parâmetros α e β percebemos que o ciclo reprodutivo das CC começa mais cedo e tem uma velocidade de conclusão maior que nas CM, que nas EM e que nas nativas nos Estados Unidos. No único caso em que as CM migrantes apresentam um ciclo tão precoce quanto as CC é nas CM da Flórida que chegaram nos Estados Unidos no últimos cinco anos.

Em resumo, de modo geral, o comportamento reprodutivo das CM nos Estados Unidos poderia ser descrito da seguinte forma:

- Fecundidade maior em termos de nível e mais envelhecida em estrutura que a fecundidade das CC. Não migrar está impactando negativamente a fecundidade das mulheres cubanas.
- A fecundidade das CC começa mais cedo e termina mais cedo que o resto dos grupos analisados, exceto nas CM na Flórida que chegaram há menos de cinco anos. Estas últimas apresentam uma estrutura ao mesmo tempo precoce e com taxas ainda importantes ao final do período reprodutivo.
- Comportamento diferencial considerando lugar de residência, as CM na Flórida apresentam fecundidade mais baixa que as que moram fora desse estado, mas em termos de estrutura a diferença não resulta notória. Nota-se também que, as CM que mostram fecundidade mais próxima à fecundidade de CC são as residentes na Flórida, mas a estrutura é bem mais velha nas CM que nas CC. Assim de modo geral se observa que, no caso das CM, o lugar de residência nos Estados Unidos impacta no nível, mas não na estrutura da fecundidade.
- A fecundidade das CM resulta mais próxima da fecundidade das nativas nos Estados Unidos que a fecundidade EM.
- Aparentemente as diferenças no comportamento reprodutivo das CM nos Estados Unidos não são explicadas pelas teorias que analisam o comportamento reprodutivo das migrantes, pelo menos com as variáveis consideradas no presente trabalho.
- Mesmo sem conseguir definir um padrão seguindo as variáveis analisadas, parece ser que as CM estão realmente adiando sua fecundidade dentro de Cuba e tendo seus filhos depois de migrarem.

- Considerando o início e a velocidade de conclusão da fecundidade, as CC em Cuba mostram o início mais cedo e a maior velocidade de conclusão entre os grupos comparados. Esse comportamento é observado em todos os casos analisados exceto nas CM fora da Flórida que chegaram nos Estados Unidos nos últimos cinco anos.

Finalmente reconhecemos que este estudo pode apresentar algumas fragilidades desde o ponto de vista metodológico. Considerando que foram usados dados de fecundidade corrente correspondentes a uma amostra da população, os resultados podem estar sendo afetados por um efeito de período e por o tamanho da amostra. Sendo assim as hipóteses foram avaliadas considerando os fatos observados e as possíveis explicações segundo as teorias avaliadas, portanto não seria correto falar que essas hipóteses foram testadas e sim avaliadas com certo grau de especulação.

No entanto com os resultados observados poderiam ser feitos outros trabalhos qualitativos que possam aprofundar mais nas explicações nas mudanças observadas na fecundidade das cubanas migrantes, mesmo cubanas que emigraram para outras regiões do mundo. Por outro lado seria importante realizar trabalhos longitudinais que permitam avaliar as mudanças no tempo das diferentes coortes de migrantes e assim esclarecer elementos que, devido ao uso de dados de fecundidade corrente, poderiam estar refletindo efeitos de período.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAZI-SHAVAZI, M. J; MCDONALD, P. Fertility and multiculturalism: immigrant fertility in Australia, 1977-1991. **International Migration Review**, Staten Island, v. 34n, n. 1, p. 211-242, Spring. 2000.

AJA, A; LÓPEZ-CALLEJA, C. Migraciones internacionales. In: MARTINEZ, Miriam. **Cuba: población y desarrollo**. [Habana]: Centro de Estudios Demográficos, 2009. cap. 4.

AJA, A. **Temas en torno al debate sobre Migraciones Internacionales**. Habana: Centro de Estudios de Migraciones Internacionales, 2004. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/temas.pdf>>. Acesso em: 10 feb. 2008

Aja, A. **Tendencias y retos de Cuba ante el tema de la emigración**. Habana: Centro de Estudios de Migraciones Internacionales, 2004. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/tenden.pdf>>. Acesso em: 18 dez. de 2009.

AJA, A. **La emigración cubana. Balance en el siglo XXI**. Habana: Centro de Estudios de Migraciones Internacionales, 2002. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/emig.pdf>>. Acesso em: 28 de dez. 2009

ALBIZU-CAMPOS, J. C. La fecundidad en Cuba: viejas interrogantes y algunas respuestas. **Novedades en Población**, Cuba, v. 5, n. 10, p. 42-123, Dez. 2009.

ALFONSO, J. C. El descenso de la fecundidad en Cuba: de la primera a la segunda transición demográfica. **Revista Cubana de Salud Pública**, La Habana, v. 32, n. 1, p. 1-19, mar. 2006.

ALFONSO, M. **No es lo mismo pero es igual: a singularidade da segunda transição demográfica em Cuba**. 2008. 213 f. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ÁLVAREZ, L. **La fecundidad en Cuba**. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

ANDERSON, G. Childbearing after migration: fertility patterns of foreign-born women in Sweden. **International Migration Review**, Staten Island, v. 38, n. 2, p. 747-775, Summer. 2004.

ARANGO, J. Inmigración, cambio demográfico y cambio social. **Consecuencias de la evolución demográfica en la economía**, Madrid, n. 815, Mayo/Jun. 2004. Disponível em: http://www.ucm.es/info/gemi/descargas/articulos/44ARANGO_Inmigracion_Cambio_Demografico_Cambio_Social.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2010.

BRASS W. The use of the relational Gompertz model to estimate fertility. In: PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL UNION FOR THE SCIENTIFIC STUDY OF POPULATION CONFERENCE, 1981. Manila, [**Anais...**]. Liege, Ordina Editions, 1981. v. 3

BONGAARTS, J.; WATKINS, S. C. Social interactions and contemporary fertility transitions, **Population and Development Review**, New York, v. 22, n. 4, p. 639-682, Dec. 1996.

BONGAARTS, J; FEENEY, G. On the Quantum and Tempo of Fertility. **Population and Development Review**, New York, v. 24, n. 2, p. 271-291, Jun. 1998.

BONGAARTS, J. **Fertility transition in developing countries: progress or stagnation?** [S.l.]: Population Council, 2008. (Working Paper, 7)

WONG, L. Evidences of further decline in Latin America - reproductive behavior and some thoughts on the consequences on the age structure. In: IUSSP INTERNATIONAL POPULATION CONFERENCE, 26., 2009. Marrakech, [**Anais...**] Marrakech: IUSSP, 2009.

BROWNING, H; FEINDT, W. Selectivity of migrants to a metropolis in a developing country: a Mexican case study. **Demography**, [S.l.], v. 6, n. 4, p. 347-357, Nov. 1969.

CALDWELL, J. C. Toward a restatement of demographic transition theory. 1976. **Population and Development Review**, New York, v. 2, n. ¾, p. 321-366, Sep./Dec. 1976.

CAMAROTA, S. A. **Birth rates among immigrants in America comparing fertility in the U.S. and home countries.** center for inmigration studies. Washington: Center for Imigration Estudios, 2005. Disponível em: <<http://www.cis.org/articles/2005/back1105.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2010.

CARLING, J. Toward a demography of immigrant communities and their transnational potential, **International Migration Review**, Staten Island, v. 42, n. 2, p. 449-475, Summer. 2008.

CARLSSON, G. The decline of fertility: innovation or adjustment process, **Population Studies**, London, v. 20, n. 2, p. 149-174, Nov. 1966.

CARTER, M. Fertility of mexican immigrants women in the U.S.: a closer look. **Social Science Quarterly**, Austin, v. 81, n. 4, p. 1074-1086. Dez. 2000.

CELADE. **La fecundidad en América Latina: ¿Transición o revolución?** Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2004. 496 p. (Seminarios y conferencias, 36)

COLEMAN, D. Inmigration and ethnic change in low fertility countries: a third demographic transition, **Population and Development Review**, New York, v. 32, n. 3, p. 401-446, Sep. 2006.

OFICINA NACIONAL DE ESTADISTICA DE CUBA. **Censo demográfico de Cuba**, [S.l.]: One, 2002.

DAVIS, K. The world demographic transition. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Philadelphia, v. 237, p. 1-11, Jan. 1945.

DAVIS, K; BLAKE, J. Social Structure and fertility: a analytical framework. **Economic Development and Cultural Change**, Chicago, v. 4, n. 3, p. 211-235, Apr. 1956.

DAVIS, K. Social science approaches to international migration, **Population and Development Review**, New York, v. 14, p. 245-261, 1998. Supplement: Population and resources in western intellectual traditions.

DE HAAS, H. **Migration and development: a theoretical perspective.** [S.l.]: International Migration Institute, 2008. (University of Oxford - Working Paper, 9).

REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional**: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. 2005. 204 f. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

FERREIRA, M. S. A imigração internacional e a fecundidade. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 8, n. 1/2, p. 3-19, Jan./Jul. 1991.

GENEREUX, A. **A review of migration and fertility theory through the lens of African immigrant fertility in France**. [S.l.]: Max Planck Institute for Demographic Research, 2007. (MPIDR WORKING PAPER WP, 2007-008)

GOLDSTEIN, S; GOLDSTEIN, A. The impact of migration on fertility: an “own children” analysis for Thailand. **Population Studies**, London, v. 35, n. 2, p. 265-284, Jul. 1981.

GUNNAR, A. Childbearing after migration: Fertility patterns of foreign-born woman in Sweden, **International Migration Review**. Staten Island, v. 38, n. 2, p. 747-775, Summer. 2004.

GURAK, D; GRITZ, M. Social Context, household composition and employment among migrant and nonmigrant dominican women. **International Migration Review**, Staten Island, v. 30, n. 2, p. 399-422, Summer, 1996.

THE FUTURE OF MIGRATION: building capacities for change. [S.l.]: International Organization for Migration; World Migration Report, 2010.

KAHN, J. Immigrant selectivity and fertility adaptation in the United States. **Social Forces**, Chapel Hill, v. 67. n. 1, p.108-128, Sep. 1988.

KAHN, J. Immigrant and native fertility during the 1980s: adaptation and expectations for the future. **International Migration Review**, Staten Island, v. 28, n. 3, p.501-519, Autumn. 1994.

KING, J.; SKELDON, R.; VULLNETARI, J. **Internal and international migration: bridging the theoretical dividend**. Local: Sussex Centre for Migration Research; University of Sussex, 2008. (Working Paper, 52).

KNODEL, J.; VAN DE VALLE, E. Lessons from the past: policy implications of historical fertility studies. **Population and Development Review**, New York, v. 5, n. 2, p. 217-245, Jun. 1979.

KULU, H. Migration and fertility: competing hypotheses re-examined. **European Journal of Population**, Amsterdam, v. 21, n. 1, p. 51-87, Mar. 2005.

LAWLER, J. **Fertility of American woman**: 2008. [S.l.]: US Census Bureau, 2010. Current Population Reports

LESTHAEGHE, R.; NEIDERT, L. The second demographic transition in the United States: Exception or Textbook Example? **Population and Development Review**, New York, v. 32, n. 4, p. 669–698, Dec. 2006.

LESTHAEGHE, R; NEIDERT, L. **The “Second Demographic Transition” in the US: spatial patterns and correlates**. Local: Population Studies Center, 2006. (Research Report, 06-529)

LETABLIER, Marie-Thérèse. Fertility and family policies in France. **Journal of Population and Social Security (Population)**, [S.l.] p.245-261, Jun. 2003. Supplement to Volume 1. Disponível em: <http://www.ipss.go.jp/webj-ad/WebJournal.files/population/2003_6/9.Letablier.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.

MASSEY, D; CAPOFERRO, CH. Measuring undocumented migration. **International Migration Review**, Staten Island, v 38, n. 3, p.1075-1102, Fall. 2004.

MASSEY, D *et al.* Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, New York, v. 19, n. 3, p.431-466. Sep. 1993.

MASSEY, D. Five myths about immigration: common misconceptions underlying US border-enforcement policy. **Immigration Daily**, [S.l.], [200-?]. Disponível em: <<http://www.ilw.com/articles/2005,1207-massey.shtm>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

MCDONALD, P. Gender Equity, social institutions and the future of fertility. **Journal of Population Research**, New Delhi, v. 17, n. 1, p.1-16. 2000.

NEYER, G.; ANDERSSON, G. **Consequences of family policies on childbearing behavior: effects or artifacts?** [S.l.]: Max Planck Institute for Demographic Research , 2007. (MPIDR WORKING PAPER WP, 2007-021)

OLIVEIRA, I. A transição da fecundidade e o sistema de respostas múltiplas em Portugal. **Análise Social**, Lisboa, v. 42, n. 183, p. 471-484, Apr. 2007.

PORTES, A; APARICIO, R; HALLER, W. **La segunda generación en Madrid: un estudio longitudinal.** {S.l.:S.n.}, 2009. Disponível: <<http://www.thefamilywatch.org/doc/doc-0027-es.pdf>>. Acesso em: dia. 24 jan. 2011.

PORTES, A. Conclusion: theoretical convergencies and empirical evidence in the study of immigrant transnationalism. **International Migration Review**, Staten Island, v. 37, n. 3, p.874-892, Fall. 2003.

PORTES, A; RUMBAUT, R. The second generation in early adulthood. **Ethnic and Racial Studies**, London, v. 28, n. 6, p. 983-999, Nov. 2005.

RODRÍGUEZ, Grisell. **La fecundidad cubana a partir de 1990: las perspectivas sociales e individuales.** 2006. 174f. Tesis (grado de doctor en ciencias económicas) - universidad de la habana, cuba, 2006.

ROSETO-BIXBY, L; CASTERLINE, J. Modelling diffusion effects in fertility transition. **Population Studies**, London, v. 47, n. 1, p. 147-167, Mar. 1993.

SURKIN, J.; LESTHAEGHE, R. Value orientations and the second demographic transition (SDT) in northern, western and southern Europe: an update. **Demographic Research**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 45-86, Apr. 2004.

UNFPA. **Estado de la población mundial. Hacia la esperanza: las mujeres y la migración internacional.** New York: UNFPA, 2006.

US Census Bureau. **Design and methodology: American community survey.** Washington, 2009. Disponível em: <http://www.census.gov/acs/www/Downloads/survey_methodology/acs_design_methodology.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2010.

U.S. Hispanic Population: 2006, [S.l.]: Uscensusbureau, [2006?]. Disponível em: <http://www.census.gov/population/socdemo/hispanic/cps2006/CPS_Powerpoint_2006.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2010.

VAN DE KAA; Dirk J. **The idea of a second demographic transition in industrialized countries.** Paper presented at the Sixth Welfare Policy Seminar of the National Institute of Population and Social Security, Tokyo, Japan, 29 January 2002. Disponível em: <http://www.ipss.go.jp/webj-ad/WebJournal.files/Population/2003_4/Kaa.pdf> Acesso em: 13 fev. 2009.

WESTOFF, CH. Fertility in the United States. **Science**, [S.l.], v. 234, n. 4776, p. 554-559, Oct. 1986.

ZAVALA, M. E.; CANALES, A.; ESTRELLA, G. **Ciudades de la frontera Norte: migración y fecundidad.** México: Universidad Autónoma de Baja California, 1999.

ZELINSKY, W. The hypotheses of the mobility transition, **The Geographical Review**, New York, v. 61, n. 2, p. 219-49, Apr. 1971.

8 ANEXOS

Anexo 1. Amostra de pessoas entrevistadas em cada categoria usada.

**Tabela 1. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas.
Estados Unidos, 2005.**

Idade	Nativas		Estrangeiras		Cubanas	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	83567	2202	6980	263	59	2
20-24	63009	6626	8468	1051	73	11
25-29	60808	8089	11402	1790	116	25
30-34	64558	7635	14525	2195	192	28
35-39	77382	4461	16246	1342	236	16
40-44	95533	1290	16439	518	388	5
45-49	102084	396	14966	96	369	2
Total	546941	30699	89026	7255	1433	89

Fonte: ACS, 2005.

**Tabela 2. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas.
Estados Unidos, 2006.**

Idade	Nativas		Estrangeiras		Cubanas	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	92416	2256	7396	279	114	0
20-24	66198	6682	9128	1093	80	9
25-29	62441	8427	11981	1914	110	20
30-34	62591	7392	14930	2196	189	26
35-39	77760	4423	16859	1402	272	14
40-44	93535	1254	17283	418	401	9
45-49	103052	365	15751	92	391	1
Total	557993	30799	93328	7394	1557	79

Fonte: ACS, 2006.

**Tabela 3. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas.
Estados Unidos, 2007.**

Idade	Nativas		Estrangeiras		Cubanas	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	93388	2308	7257	278	101	2
20-24	67252	6727	9073	1079	94	5
25-29	63329	8583	12069	1973	118	16
30-34	61798	7278	14923	2278	201	25
35-39	76809	4339	17334	1490	274	14
40-44	89153	1258	17532	464	382	3
45-49	102440	391	16105	98	458	4
Total	554169	30884	94293	7660	1628	69

Fonte: ACS, 2007.

**Tabela 4. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas.
Estados Unidos, 2008.**

Idade	Nativas		Estrangeiras		Cubanas	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	91308	2320	6954	280	108	3
20-24	66129	7010	8826	1168	100	12
25-29	64111	8995	11717	1938	106	10
30-34	62011	7717	14824	2325	174	26
35-39	74412	4307	17082	1572	269	18
40-44	85590	1408	17710	550	377	6
45-49	100832	608	16587	190	436	7
Total	544393	32365	93700	8023	1570	82

Fonte: ACS, 2008.

**Tabela 5. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas.
Estados Unidos, 2009.**

Idade	Nativas		Estrangeiras		Cubanas	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	91860	2328	6901	253	110	2
20-24	69136	6791	8838	1040	109	19
25-29	65239	8666	11720	1946	110	7
30-34	63595	7597	14930	2352	169	22
35-39	71915	4213	17761	1618	259	11
40-44	82904	1359	18143	548	349	4
45-49	98982	537	17402	159	472	6
Total	543631	31491	95695	7916	1578	71

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 6. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados. Estados Unidos, 2005.

Idade	Nativas				Estrangeiras				Cubanas			
	Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	4255	124	79312	2078	510	14	6470	249	48	1	11	1
20-24	3391	321	59618	6305	663	60	7805	991	61	8	12	3
25-29	3064	381	57744	7708	774	129	10628	1661	98	21	18	4
30-34	3356	368	61202	7267	1027	149	13498	2046	165	23	27	5
35-39	4155	249	73227	4212	1199	88	15047	1254	193	11	43	5
40-44	5164	70	90369	1220	1367	43	15072	475	285	4	103	1
45-49	5523	19	96561	377	1255	7	13711	89	256	1	113	1
Total	28908	1532	518033	29167	6795	490	82231	6765	1106	69	327	20

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 7. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados. Estados Unidos, 2006.

Idade	Nativas				Estrangeiras				Cubanas			
	Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	4680	133	87736	2123	545	18	6851	261	95	0	19	0
20-24	3536	366	62662	6316	711	72	8417	1021	65	6	15	3
25-29	3251	387	59190	8040	968	116	11013	1798	79	14	31	6
30-34	3390	383	59201	7009	1118	136	13812	2060	161	18	28	8
35-39	4210	206	73550	4217	1292	97	15567	1305	210	11	62	3
40-44	5144	70	88391	1184	1515	34	15768	384	318	7	83	2
45-49	5656	15	97396	350	1316	6	14435	86	284	1	107	0
Total	29867	1560	528126	29239	7465	479	85863	6915	1212	57	345	22

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 8. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados. Estados Unidos, 2007.

Idade	Nativas				Estrangeiras				Cubanas			
	Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	4902	130	88486	2178	535	15	6722	263	82	1	19	1
20-24	3593	356	63659	6371	680	58	8393	1021	71	5	23	0
25-29	3356	381	59973	8202	860	138	11209	1835	95	11	23	5
30-34	3278	333	58520	6945	1040	146	13883	2132	167	22	34	3
35-39	4027	213	72782	4126	1275	83	16059	1407	217	13	57	1
40-44	4901	58	84252	1200	1434	39	16098	425	292	2	90	1
45-49	5603	22	96837	369	1348	14	14757	84	336	3	122	1
Total	29660	1493	524509	29391	7172	493	87121	7167	1260	57	368	12

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 9. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados. Estados Unidos, 2008.

Idade	Nativas				Estrangeiras				Cubanas			
	Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	4640	109	86668	2211	553	18	6401	262	94	3	14	0
20-24	3513	331	62616	6679	647	79	8179	1089	81	11	19	1
25-29	3402	441	60709	8554	776	139	10941	1799	93	7	13	3
30-34	3237	363	58774	7354	1015	140	13809	2185	148	19	26	7
35-39	3898	214	70514	4093	1232	106	15850	1466	217	11	52	7
40-44	4606	70	80984	1338	1425	36	16285	514	297	6	80	0
45-49	5452	43	95380	565	1431	17	15156	173	322	4	114	3
Total	28748	1571	515645	30794	7079	535	86621	7488	1252	61	318	21

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 10. Amostra de mulheres Nativas, Estrangeiras não cubanas e Cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados. Estados Unidos, 2009.

Idade	Nativas				Estrangeiras				Cubanas			
	Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados		Flórida		Outros Estados	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	4802	106	87058	2222	527	15	6374	238	90	1	20	1
20-24	3631	368	65505	6423	627	53	8211	987	87	14	22	5
25-29	3485	401	61754	8265	814	134	10906	1812	92	6	18	1
30-34	3249	360	60346	7237	1073	162	13857	2190	130	18	39	4
35-39	3791	213	68124	4000	1244	115	16517	1503	204	6	55	5
40-44	4446	74	78458	1285	1360	42	16783	506	270	2	79	2
45-49	5328	41	93654	496	1395	13	16007	146	354	5	118	1
Total	28732	1563	514899	29928	7040	534	88655	7382	1227	52	351	19

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 11. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2005.

Idade	Cubanas Flórida						Cubanas outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	16	0	22	0	10	1	3	1	4	0	4	0
20-24	29	3	15	4	17	1	6	0	2	2	4	1
25-29	24	8	30	8	44	5	5	0	4	1	9	3
30-34	46	4	50	9	69	10	12	2	6	2	9	1
35-39	32	3	58	4	103	4	9	2	2	1	32	2
40-44	29	0	39	1	217	3	9	0	11	0	83	1
45-49	13	0	32	0	211	1	7	0	11	0	95	1
Total	189	18	246	26	671	25	51	5	40	6	236	9

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 12. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2005.

Idade	Estrangeiras Flórida						Estrangeiras outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	197	10	119	3	194	1	2139	102	1496	50	2835	97
20-24	256	24	146	10	261	26	2988	501	1641	186	3176	304
25-29	286	52	202	28	286	49	3654	612	2696	459	4278	590
30-34	279	42	238	37	510	70	3070	584	3260	535	7168	927
35-39	241	16	241	26	717	46	2283	223	2699	264	10065	767
40-44	221	11	196	8	950	24	1794	76	1957	87	11321	312
45-49	130	0	144	3	981	4	1257	11	1363	11	11091	67
Total	1610	155	1286	115	3899	220	17185	2109	15112	1592	49934	3064

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 13. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2006.

Idade	Cubanas Flórida						Cubanas outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	25	0	33	0	37	0	9	0	4	0	6	0
20-24	21	2	16	3	28	1	2	1	6	1	7	1
25-29	19	2	17	7	43	5	7	3	7	0	17	3
30-34	40	3	54	8	67	7	14	2	5	2	9	4
35-39	40	3	60	4	110	4	14	0	14	2	34	1
40-44	43	1	52	1	223	5	3	0	11	0	69	2
45-49	10	0	28	0	246	1	4	0	3	0	100	0
Total	198	11	260	23	754	23	53	6	50	5	242	11

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 14. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2006.

Idade	Estrangeiras Flórida						Estrangeiras outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	174	11	166	3	205	4	2096	112	1735	49	3020	100
20-24	253	32	190	22	268	18	3052	437	1910	269	3455	315
25-29	296	43	298	33	374	40	3544	669	3030	554	4439	575
30-34	276	36	312	44	530	56	2879	511	3634	630	7299	919
35-39	221	20	306	26	765	51	2077	234	3083	298	10407	773
40-44	216	9	255	10	1044	15	1547	49	2205	74	12016	261
45-49	145	0	189	2	982	4	1126	8	1488	9	11821	69
Total	1581	151	1716	140	4168	188	16321	2020	17085	1883	52457	3012

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 15. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2007.

Idade	Cubanas Flórida						Cubanas outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	34	0	20	1	28	0	10	0	5	1	4	0
20-24	26	4	18	1	27	0	13	0	4	0	6	0
25-29	24	3	33	2	38	6	3	2	8	1	12	2
30-34	35	8	38	6	94	8	9	3	8	0	17	0
35-39	49	1	46	4	122	8	11	0	13	1	33	0
40-44	55	0	54	1	183	1	9	0	15	1	66	0
45-49	23	0	31	0	282	3	8	0	7	0	107	1
Total	246	16	240	15	774	26	63	5	60	4	245	3

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 16. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2007.

Idade	Estrangeiras Flórida						Estrangeiras outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	170	7	161	4	204	4	1997	101	1885	61	2840	101
20-24	246	20	190	14	244	24	3030	421	1882	252	3481	348
25-29	267	36	253	46	340	56	3507	635	3196	554	4506	646
30-34	247	29	291	56	502	61	2710	491	3840	656	7333	985
35-39	176	22	314	23	785	38	2004	222	3384	339	10671	846
40-44	175	8	243	6	1016	25	1489	51	2343	81	12266	293
45-49	137	2	187	2	1024	10	1085	7	1673	8	11999	69
Total	1418	124	1639	151	4115	218	15822	1928	18203	1951	53096	3288

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 17. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2008.

Idade	Cubanas Flórida						Cubanas outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	34	1	29	0	31	2	7	0	3	0	4	0
20-24	31	5	21	4	29	2	5	1	5	0	9	0
25-29	31	3	18	2	44	2	3	0	3	1	7	2
30-34	30	4	48	3	70	12	8	3	3	2	15	2
35-39	56	2	52	5	109	4	11	0	12	2	29	5
40-44	39	1	52	2	206	3	5	0	10	0	65	0
45-49	34	0	40	1	248	3	7	0	11	0	96	3
Total	255	16	260	17	737	28	46	4	47	5	225	12

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 18. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2008.

Idade	Estrangeiras Flórida						Estrangeiras outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	183	9	187	3	183	6	1884	109	1757	60	2760	93
20-24	202	26	173	30	272	23	2910	462	1827	272	3442	355
25-29	221	49	239	42	316	48	3440	614	3139	562	4362	623
30-34	196	34	322	43	497	63	2732	505	3819	664	7258	1016
35-39	178	17	294	29	760	60	1915	243	3226	357	10709	866
40-44	161	9	258	13	1006	14	1379	67	2429	97	12477	350
45-49	136	0	214	2	1081	15	985	14	1677	21	12494	138
Total	1277	144	1687	162	4115	229	15245	2014	17874	2033	53502	3441

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 19. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2009.

Idade	Cubanas Flórida						Cubanas outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	35	0	35	1	20	0	8	1	7	0	5	0
20-24	37	4	21	4	29	6	5	4	6	1	11	0
25-29	34	1	26	2	32	3	6	0	4	0	8	1
30-34	32	2	40	5	58	11	6	0	8	2	25	2
35-39	51	2	37	1	116	3	10	0	11	0	34	5
40-44	36	1	68	0	166	1	10	0	9	1	60	1
45-49	43	3	46	1	265	1	10	0	10	0	98	1
Total	268	13	273	14	686	25	55	5	55	4	241	10

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 20. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo anos nos Estados Unidos. Estados Unidos, 2009.

Idade	Estrangeiras Flórida						Estrangeiras outros Estados					
	0-5 anos		6-10 anos		11+ anos		0-5 anos		6-10 anos		11+ anos	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	143	7	185	6	199	2	1891	87	1747	73	2736	78
20-24	194	16	174	15	259	22	2784	379	1822	244	3605	364
25-29	206	53	224	34	384	47	3292	572	3057	581	4557	659
30-34	198	40	321	49	554	73	2607	482	3941	658	7309	1050
35-39	165	18	323	34	756	63	1963	206	3365	375	11189	922
40-44	139	10	280	8	941	24	1460	52	2340	101	12983	353
45-49	128	2	189	1	1078	10	1094	10	1737	11	13176	125
Total	1173	146	1696	147	4171	241	15091	1788	18009	2043	55555	3551

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 21. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2005.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	4	0	44	1	1	0	11	1
20-24	6	1	55	7	2	0	11	3
25-29	11	5	87	16	3	1	16	4
30-34	33	2	132	21	2	1	24	4
35-39	25	0	168	11	3	0	41	4
40-44	36	1	249	3	4	0	100	1
45-49	25	0	231	1	15	2	109	1
Total	140	9	966	60	30	4	312	18

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 22. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2005.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	14	2	496	12	262	46	6208	203
20-24	41	9	622	51	840	210	6965	781
25-29	67	17	707	112	1232	277	9396	1384
30-34	55	11	972	138	1424	240	12074	1806
35-39	72	6	1127	82	1468	134	13579	1120
40-44	63	3	1304	40	1454	53	13618	422
45-49	68	0	1187	7	1277	14	12434	75
Total	380	48	6415	442	7957	974	74274	5791

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 23. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2006.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	3	0	92	0	2	0	17	0
20-24	3	0	62	6	0	1	15	3
25-29	5	1	74	13	3	2	31	5
30-34	20	1	141	17	7	0	25	6
35-39	37	2	173	9	4	0	55	3
40-44	49	1	269	6	5	0	79	2
45-49	28	0	256	1	21	3	102	0
Total	145	5	1067	52	42	6	324	19

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 24. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2006.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	23	7	522	11	264	57	6587	204
20-24	55	14	656	58	804	235	7613	786
25-29	92	10	876	106	1244	327	9769	1471
30-34	80	12	1038	124	1395	204	12417	1856
35-39	78	5	1214	92	1508	128	14059	1177
40-44	91	0	1424	34	1360	34	14408	350
45-49	78	2	1238	4	1335	7	13100	79
Total	497	50	6968	429	7910	992	77953	5923

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 25. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2007.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	6	0	76	1	4	0	19	1
20-24	10	1	61	4	3	0	19	0
25-29	9	2	86	9	3	1	20	5
30-34	14	3	153	19	1	0	31	2
35-39	34	0	183	13	6	0	56	1
40-44	44	1	248	1	6	0	84	1
45-49	33	0	303	3	23	1	116	1
Total	150	7	1110	50	46	2	345	11

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 26. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2007.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	21	2	514	13	242	45	6480	218
20-24	53	13	627	45	786	220	7607	801
25-29	63	19	797	119	1182	304	10027	1531
30-34	72	11	968	135	1408	228	12475	1904
35-39	56	4	1219	79	1505	136	14554	1271
40-44	66	2	1368	37	1503	34	14595	391
45-49	75	1	1273	13	1383	6	13374	78
Total	406	52	6766	441	8009	973	79112	6194

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 27. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2008.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	6	0	88	3	1	0	13	0
20-24	7	3	74	8	1	1	19	1
25-29	9	1	84	6	1	1	12	2
30-34	16	1	132	18	4	0	25	6
35-39	34	0	183	11	3	0	48	7
40-44	36	1	261	5	6	0	77	0
45-49	40	0	282	4	16	2	108	3
Total	148	6	1104	55	32	4	302	19

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 28. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2008.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	8	4	545	14	186	50	6215	212
20-24	38	16	609	63	647	207	7532	882
25-29	45	10	731	129	1092	290	9849	1509
30-34	53	6	962	134	1291	229	12518	1956
35-39	45	6	1187	100	1463	137	14387	1329
40-44	71	1	1354	35	1416	48	14869	466
45-49	66	2	1365	15	1349	20	13807	153
Total	326	45	6753	490	7444	981	79177	6507

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 29. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2009.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	7	0	83	1	1	0	27	0
20-24	9	0	78	14	2	0	19	1
25-29	12	0	80	6	2	0	20	5
30-34	17	1	113	17	2	0	16	1
35-39	32	2	172	4	7	0	37	4
40-44	38	0	232	2	10	0	48	5
45-49	51	2	303	3	3	0	69	2
Total	166	5	1061	47	27	0	236	18

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 30. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo idioma. Estados Unidos, 2009.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Não fala inglês		Fala inglês		Não fala inglês		Fala inglês	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	324	19	364	45	6676	489	7495	870
20-24	10	1	517	14	177	40	6197	198
25-29	41	7	586	46	638	157	7573	830
30-34	40	13	774	121	998	251	9908	1561
35-39	73	11	1000	151	1354	211	12503	1979
40-44	60	7	1184	108	1482	148	15035	1355
45-49	63	4	1297	38	1477	56	15306	450
Total	611	62	5722	523	12802	1352	74017	7243

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 31. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2005.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	43	1	5	0	9	1	2	0
20-24	27	4	34	4	4	2	8	1
25-29	40	5	58	16	8	2	10	2
30-34	46	8	119	15	5	1	22	4
35-39	64	3	129	8	25	2	18	3
40-44	143	2	142	2	70	1	33	0
45-49	137	1	119	0	76	0	37	1
Total	500	24	606	45	197	9	130	11

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 32. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2005.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	422	8	88	6	5440	179	1030	70
20-24	329	30	334	30	4031	383	3774	608
25-29	243	40	531	89	3534	485	7094	1176
30-34	269	34	758	115	3460	445	10038	1601
35-39	258	16	941	72	3373	274	11674	980
40-44	240	3	1127	40	2879	82	12193	393
45-49	215	0	1040	7	2605	15	11106	74
Total	1976	131	4819	359	25322	1863	56909	4902

Fonte: ACS, 2005.

Tabela 33. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2006.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	83	0	12	0	15	0	4	0
20-24	39	3	26	3	11	2	4	1
25-29	28	3	51	11	15	3	16	3
30-34	37	6	124	12	5	4	23	4
35-39	48	3	162	8	22	1	40	2
40-44	139	2	179	5	56	2	27	0
45-49	158	1	126	0	72	0	35	0
Total	532	18	680	39	196	12	149	10

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 34. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2006.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	450	11	95	7	5726	179	1125	82
20-24	360	27	351	45	4318	410	4099	611
25-29	312	34	656	82	3642	466	7371	1332
30-34	264	26	854	110	3511	479	10301	1581
35-39	261	21	1031	76	3496	269	12071	1036
40-44	273	4	1242	30	3155	65	12613	319
45-49	209	3	1107	3	2800	12	11635	74
Total	2129	126	5336	353	26648	1880	59215	5035

Fonte: ACS, 2006.

Tabela 35. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2007.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	64	1	18	0	14	1	5	0
20-24	36	0	35	5	8	0	15	0
25-29	28	2	67	9	10	1	13	4
30-34	51	4	116	18	10	0	24	3
35-39	63	4	154	9	23	0	34	1
40-44	102	1	190	1	52	0	38	1
45-49	176	1	160	2	87	1	35	0
Total	520	13	740	44	204	3	164	9

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 36. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2007.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	448	11	87	4	5647	189	1075	74
20-24	343	28	337	30	4380	460	4013	561
25-29	282	47	578	91	3745	523	7464	1312
30-34	264	35	776	111	3558	481	10325	1651
35-39	265	12	1010	71	3653	325	12406	1082
40-44	254	5	1180	34	3245	74	12853	351
45-49	235	0	1113	14	2648	16	12109	68
Total	2091	138	5081	355	26876	2068	60245	5099

Fonte: ACS, 2007.

Tabela 37. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2008.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	78	3	16	0	11	0	3	0
20-24	44	6	37	5	12	0	7	1
25-29	33	0	60	7	7	1	6	2
30-34	39	7	109	12	7	2	19	5
35-39	53	3	164	8	14	3	38	4
40-44	123	2	174	4	43	0	37	0
45-49	151	1	171	3	79	2	35	1
Total	521	22	731	39	173	8	145	13

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 38. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2008.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	479	12	74	6	5339	183	1062	79
20-24	377	37	270	42	4406	480	3773	609
25-29	268	39	508	100	3634	504	7307	1295
30-34	263	37	752	103	3673	491	10136	1694
35-39	228	20	1004	86	3562	290	12288	1176
40-44	271	3	1154	33	3291	95	12994	419
45-49	246	0	1185	17	2788	26	12368	147
Total	2132	148	4947	387	26693	2069	59928	5419

Fonte: ACS, 2008.

Tabela 39. Amostra de mulheres cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2009.

Idade	Cubanas Flórida				Cubanas outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	78	1	12	0	15	1	5	0
20-24	40	8	47	6	13	0	9	5
25-29	24	1	68	5	7	1	11	0
30-34	29	7	101	11	21	1	18	3
35-39	44	1	160	5	18	2	37	3
40-44	71	0	199	2	48	1	31	1
45-49	150	0	204	5	77	1	41	0
Total	436	18	791	34	199	7	152	12

Fonte: ACS, 2009.

Tabela 40. Amostra de mulheres estrangeiras não cubanas, residentes na Flórida e em outros Estados, segundo momento no ciclo de vida ao migrar. Estados Unidos, 2009.

Idade	Estrangeiras Flórida				Estrangeiras outros Estados			
	Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva		Antes de entrar na idade reprodutiva		Depois de entrar na idade reprodutiva	
	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos	Sem Filhos	Com Filhos
15-19	465	11	62	4	5380	187	994	51
20-24	363	33	264	20	4642	477	3569	510
25-29	326	37	488	97	3771	524	7135	1288
30-34	280	39	793	123	3731	538	10126	1652
35-39	259	25	985	90	3640	329	12877	1174
40-44	258	5	1102	37	3405	81	13378	425
45-49	226	2	1169	11	2906	31	13101	115
Total	2177	152	4863	382	27475	2167	61180	5215

Fonte: ACS, 2007.